

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

MARIA APARECIDA GUIMARÃES
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistada - Maria Aparecida Guimarães (MG)

Entrevistadores – Tânia Fernandes (TF) e Gleide Guimarães (GG)

Data – 20/07/2004

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 2h03min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

GUIMARÃES, Maria Aparecida. *Maria Aparecida Guimarães. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 64p.

Data: 20/07/2004

Fita 1 - Lado A

TF - ... no dia 20 de julho de 2004, para o projeto Memória de Manguinhos. (*ruído na gravação*) Então, dona Maria Aparecida, nós vamos começar, aqui, contando, quer dizer, a gente esperando que a senhora conte para a gente a história, eu já lhe falei, a história aí da... de Manguinhos, e como é que a senhora chegou aqui... Eu queria que a senhora começasse lá... desde que a senhora veio para cá, de onde a senhora veio, desde o comecinho, do comecinho que a senhora quiser.

MG – Olha, eu... eu não vim de lugar nenhum porque eu já nasci aqui, (*risos*) eu nasci em Manguinhos, né? Eu nasci no caminho de Itaoca e fui criada na Praia... na Praia Pequena, né, nós ‘chama’ Prainha. Prainha é aquele... aquele conjunto de sinal que tem ali, que vai pra o Jacarezinho, e ‘Democrático’ com Suburbana. Então, ali chama Praia Pequena e continuam chamando até hoje. Então, nasci num daqueles ‘trecho’ ali, naquela...

TF – Por que chamava Praia Pequena? Tinha... A água ia até ali ou é porque era uma (Inaudível)?

MG – Não, a água continua indo até ali, né? (*risos*) (Inaudível), que quando enche...

TF – Mas é outra água, né?

MG – É, é, quando chove é aquilo, né? Então, chama Praia Pequena porque é um trecho muito baixo, então, chamava Praia Pequena. E a minha avó morava ali. Então, a minha mãe saiu lá da... da... da onde eu nasci, que é... foi... ali (Inaudível) ‘Democrático’, né, e eu, então... nós ‘fomo’ morar ali. Dali...

TF – Isso foi em?

MG – Isso foi lá para os anos de... quarenta e... Eu nasci em 41. Eu tinha o quê? Uns 6 anos, uns 6 anos eu tinha.

TF – Em 47?

MG – Em 47, por aí assim, né?! Porque aí nós fomos morar... Dali minha mãe pegou, alugou um quarto, e nós fomos morar na ‘Democrático’, lá embaixo, na... que hoje eles ‘fala’ que é o “Buraco do Lacerda”, mas ali era um todo, era um pedaço todo, tinha uns barracos e minha mãe foi morar ali. Mas nunca ‘deixamo’ de freqüentar ‘Manguinho’, Jacarezinho, porque nossas compras eram feitas no... no... na Prainha porque só ali que tinha o comércio.

TF – Mas, então, assim, me explique o seguinte, então, essa área não era Manguinhos?

MG – Não era ‘Manguinho’.

TF – Era o quê?

MG – Era... era... era... a área de Manguinhos era da ‘Democrático’ para cá, pra lá já era... era parte, fazia parte do Jacarezinho, que ainda não existia ainda Jacarezinho, né, mas ‘Manguinho’ era... era só da ‘Democrático’ para cá. E, então, tinha ali a pontezinha, tinha uma pontezinha, né, que hoje é o Faria –Timbó, né, mas era aquela pontezinha muito simples, muito caidinha, e nós morávamos naquele pedaço, viemos morar naquele pedaço. Ali tinha poucas casas. A estradinha, que é a Estrada de ‘Manguinho’ hoje em dia, que fizeram a quadra, aquelas ‘coisa’ ‘toda’, era só um... um... um caminho que chegava na estação, que a estação era trem de pau, que era aquela estação antiguiinha, que tinha que descer aqueles dois degrauzinhos para subir no trem porque era trem “maria fumaça”, né? Então, eu venho acompanhando esse trecho todo. Eu me... eu não me lembro da Praia do Amorim, não lembro. Eu só lembro que a minha mãe dizia assim: “Vamos à Praia do Amorim.” Ia com... todo mundo, levava na Praia do Amorim, mas não me lembro. Eu tenho uma ligeira impressão que é nesse trecho aqui, de... do Amorim, é nesse trecho assim, que pegou Vila do João, esse pedaço. Eu tenho a impressão que a Praia do Amorim é isso, que minha mãe levava, agora não lembro, que tinha... ele tinha aquele negócio de aviação... Como é o nome que chama?

TF – É um que tinha um... é...

GG – Aeroclube.

TF – Aeroclube.

MG – Aeroclube, né, tinha o aeroclube, que eu me lembro muito bem do aeroclube, que tinha aqueles ‘aviãozinho’. Eu me lembro que parece que a... a Embratel também ou uma outra firma também que era de perto. Então, eu me lembro muito desse trecho, desse trecho aqui todo...

TF – Mas antes da Avenida Brasil?

MG – Antes da Avenida Brasil, bem antes da Avenida Brasil, depois é que surgiu a Avenida Brasil. A Avenida Brasil era uma mão só, não tinha duas ‘mão’, era aquela coisa, né? E eu me lembro bem, alguma coisa eu... eu me lembro desse... desse pedacinho, tá? E aí ‘foi’ surgindo as casas, os barracos, ‘Manguinho’... Dos ‘barraco’ fizeram uns ‘barraquinho’ ‘verde’, que era tudo brejo. Não tinha Instituto ‘Manguinho’, tinha o Castelo, mas não tinha o... o posto de Saúde, não tinha, não tinha... tinha uns ‘esqueleto’, que ainda ‘tava’ construindo aquele... aquele prédio grandão que tem aqui no posto, né, ‘tava’ construindo aquele... que era só aquele esqueleto, muito mato, muita água... E tinha o Hospital Oswaldo Cruz...

TF – Torres Homem, né?

MG – Torres Homem, Torres Homem, não é Oswaldo Cruz não, é Torres Homem, e existia esse hospital, e o resto era brejo. Aquele pedaço de ‘Manguinho’, CHP2, aquele pedaço ‘tudo’, ali tudo era brejo, não tinha casa.

TF – Era manguezal?

MG – Era manguezal, tanto que a gente ia pra lá para apanhar rã, pra entrar na lama... Não tinha, não tinha nada disso. Então, quer dizer, o... eu... eu tenho uma ligeira impressão que o trecho de ‘Manguinho’ vem dali da ‘Democrático’ pra cá, e pra lá...

TF – Então, nessa ocasião, daqui, da Leopoldo Bulhões até a Democráticos não tinha nada? É isso que a senhora diz?

MG – Não tinha, daqui, da Leopoldo Bulhões até a Democráticos só tinha só a estrada que era a Suburbana, não tinha nada. Tinha os armazéns, aquelas coisas, né, que foram acabando...

TF – Que armazéns (Inaudível) falando?

MG – Os armazéns. Era... era... Aqui a gente chama armazém, né, onde vendia arroz, feijão, essas coisas assim, né?

TF – Ah, tá.

MG – Era ali, que depois que fizeram a ponte, aí tiraram aquelas ‘coisa’ ‘toda’. E o... e eu me lembro que assim depois começaram a construir, começaram a aterrar e construir, porque ali dentro, ali no “Manguinho” mesmo, depois da linha do trem, ali, dali até chegar à Suburbana tinha umas casas que eles construíram, aterraram e construíram as casas de madeira, que ‘era’ ‘tudo’ ‘verdinha’, outras ‘era’ ‘azulzinha’, eram só madeira.

TF – Mas eram casas individuais ou era aquele bloco grande?

MG – Não, era aquele... era aquele... aquele bloco grandão, e dividida por dentro, era barraco mesmo, barraco mesmo. Depois que eles fizeram o barraco tinha o colégio, que eu, no momento, eu não me lembro o nome do colégio.

TF – A senhora foi... esteve no colégio?

MG – Não, não, não ‘tive’ no colégio. Eu me lembro do colégio. E tinha também ali o... a igreja também...

GG – São Daniel?

MG – De São... a igreja São Daniel, é São Daniel, tinha aquela igreja, vinha para cá. A Igreja de São Daniel já é nova, a Igreja de São Daniel é nova.

GG – Igreja Santa Bernardete?

MG – Também é nova.

GG – Então, qual era a igreja?

TF – Qual era a igreja?

MG – Não tinha igreja nenhuma ali. A igreja era na... na Suburbana, que era a igreja da Assembléia de Deus...

GG – Assembléia de Deus.

MG - ... que era de pau...

GG - Ah, sim...

MG - ... que era uma igreja de pau.

TF – Não tinha igreja católica por aqui?

MG – Não, não tinha. Depois foi que... Já a Santa Bernardete... Aí criaram a Igreja de São Daniel para ficar sendo filial uma da outra, entendeu, mas não tinha Igreja de São Daniel. Não tinha aquele...

TF – Isso foi quando, mais ou menos...?

MG – ... não tinha aquele parque ali não, era tudo barraco, não tinha aquelas ‘casa’ ali. Aquelas ‘casa’ ‘veio’ muito depois, muito depois porque caiu uma casa, um barranco lá no Lins, aí muita gente foi ‘transferido’ pra cá, fizeram casas para cá, aí transferiram o pessoal... pessoal do... do...

TF – Transferiram? Quem transferiu? O Governo?

MG – O Governo transferiu para cá o pessoal do... do Lins, do Morro do Lins. Veio pessoal do Esqueleto, veio morar para cá também, né? Eu me lembro que no Lins teve uma época que eles queriam fazer... botar a escola de samba na rua e não tinha componentes, os ‘componente’ ‘tava’ ‘tudo’ morando pra o lado de cá, tudo espalhado, aí eles queriam. Então, saía de porta em porta o pessoal lá do Lins, de porta em porta levando cortes de fazenda, tudo escrito assim: “Lins Imperial”, tudo carimbado: “Lins Imperial”, quer dizer que se quisesse sair em outra escola de samba não podia porque ‘tava’ tudo carimbado. Aí saía de porta em porta: “Quer sair no Lins? Que a nossa escola caiu, a quadra caiu, morreu muita gente e coisa. A gente quer botar a escola na rua, coisa e tal.” Então, muita gente...

TF – Quer dizer estavam chamando as pessoas daqui para ir desfilar lá?

MG – Pra desfilar lá, entendeu, e muita gente que veio de lá que ‘tava’ aqui. Aí, quer dizer, então, tinha a... a... O pessoal foi se... se juntando. Dali começaram a fazer, construir casa, começaram a construir essas coisas... Aí veio a construção do posto, que não tinha.

TF – O posto da Fundação?

MG – É, o posto da Fundação...

TF – Isso aí já... isso aí foi quando que a senhora imagina?

MG – Ah, gente, a memória está meio fraquinha. (*risos*)

TF – Mas tem muito tempo? Tem pouco tempo?

MG – Não, pouco tempo não, tem pouco tempo não, que só o pré-natal de um filho, que eu fiz, tem 35, 37 anos.

TF – Mas era lá mesmo, onde está agora?

MG – ‘Aonde’ está, ‘aonde’ está, né? O tratamento dela, que eu fiz no Torres Homem, ela tinha 7 ‘ano’.

TF – No Torres Homem, eu estou falando no posto de Saúde da Fundação.

MG – No posto da... da Fundação.

TF – A senhora fez o pré-natal no posto da Fundação?

MG – Fiz o pré-natal de todos os meus ‘filho’ na Fundação. Tem 37 anos!

TF – 37 anos?

MG – É, tem trinta e... trinta e poucos ‘ano’, 36 ‘ano’.

TF – Qual é a idade do Robson?

MG – O Robson tem... o Robson tinha 35.

GG – 35, então 36 anos.

MG – 36 anos que eu fiz o pré-natal deles todos, até do último, agora, de 27 anos. Então, quer dizer, essa área aqui era uma área isolada, não tinha... não tinha muita coisa aqui não (Inaudível), bem... bem mato, sabe, bem... A estação era ruim, sabe? Depois que construíram a estação, o... as moradias... Aquele pedaço ali do... do rio Faria –Timbó não tinha moradia, que, inclusive, a minha sogra veio... veio do Caju para cá. Meu marido tinha

15 ‘ano’, tinha 13 ‘ano’ quando ele veio do Caju para cá. Só tinha barraco, não tinha... não tinha casa...

TF – Isso lá, um pouquinho para cá, para Manguinhos?

MG – Isso lá pra... isso aqui pra Manguinhos, isso aqui para Manguinhos, Manguinhos, né, que, inclusive, esse prédio aqui... é novo, esse prédio aqui eu não conhecia, eu não sabia que existia esse prédio, depois é que eu comecei a ver a construção desse prédio. Então, quer dizer, é muita... muita... muita coisa que vem, sabe, acontecendo de... de melhora, de melhora, o ‘Manguinho’. Agora, a estrada de Manguinhos eu não sei, mas eu acho que ela parou no tempo, ela não evoluiu.

TF – Por que é que a senhora diz isso?

MG – Eu digo isso porque eu conheci o Jacarezinho, eu conheci o Jacarezinho puro, inclusive tinha uma chácara lá atrás do Jacarezinho que a minha mãe mandava eu comprar verdura e tudo, eu tinha 15 ‘ano’. De lá pra cá o Jacarezinho evoluiu muito mais do que o ‘Manguinho’! O ‘Manguinho’ parou. ‘Continua’ aquelas mesmas valas ‘negra’, ‘continua’ aqueles mesmos... Se a senhora procurar aí dentro, ainda, direitinho, ainda encontra barraco, ainda daquela época, ainda encontra ainda muita coisa antiga que parou, ninguém fez mais nada. Fizeram ali o quê? Aquelas ‘casa’ que tem ali perto do (Inaudível), em frente à quadra, conseguiram consertar, é... e foi desde onde tem o Tabernáculo, que é o... o... a Igreja...

GG – ... a Igreja Brasil para Cristo.

MG - ... Brasil para Cristo - era uma espécie de um circo, era uns banco e aqueles... aquelas ‘lona’ pregada em volta, eles conseguiram fazer uma igreja - ali urbanizaram. A... a quadra do ‘Manguinho’ era pequenininha.

TF – A quadra de Manguinhos era em que... em que...?

MG – É, na estrada de ‘Manguinho’.

TF - ... em qual comunidade?

MG – Era no ‘Manguinho’.

GG – Depende, uns dizem que é Vila Turismo e outros dizem que é CHP2.

TF – Não, é... é... é Vila Turismo.

GG – Vila Turismo?

MG – É Vila Turismo, não é CHP2, é Vila Turismo, é a quadra do ‘Manguinho’.

TF – Essa área aí, ela foi ocupada, como a senhora mesmo está dizendo, ela foi ocupada irregularmente, as pessoas vieram de outros...

MG – Vieram de outros lugares, é.

TF - ... de outros grupos. Como é que uma... Quando essas pessoas chegavam trazidas assim, ou tinha um incêndio, sempre era assim, né, um incêndio, uma remoção, mas sempre chegavam em grupos, não era assim, em geral?

MG – Isso, em grupo, era em grupo.

TF – Como é que vocês, que já moravam, percebiam, sentiam essas... essas novas pessoas entrando, e construindo e mudando de alguma maneira o ambiente de vocês?

MG – Aquilo não... não mudava...

TF – ... alterava, não alterava?

MG – Não, não tinha alteração não, não dava coisa não. Eles faziam as casas, e traziam as pessoas e botavam, sabe? Como o... Caju: foi desativado e a minha sogra com o meu... meu marido e meu... meu sogro foram ‘tirado’ de lá e foram ‘trazido’ pra cá, então, a gente não sentia nada, ‘tava tudo bom (risos), queria era morador dali, né? Então, não tinha... não tinha alteração nenhuma não.

TF – Não incomodava, não mudava a vida de vocês, não?

MG – Não, não mudava, não mudava a vida da gente, não... não tinha nada. Começou a ter alteração, a mudar, agora, de uns ‘tempo’ pra cá, mas...

TF – De que tempos que a senhora está falando?

MG – De uns... de uns 20 anos para cá.

TF – Mudou em que, que a senhora sente?

MG – Mudou em matéria de violência... vinte, mais, né, mais, mais um pouco, mudou em matéria de violência, não era assim, não era, a violência não era tanta conforme... ‘Manguinho’ não era tão violento conforme é agora, tá? A gente ainda podia sair de noite, a gente podia andar por aí, agora não tem mais condição. Mudou em matéria de violência, mudou em matéria de comércio... O comércio de ‘Manguinho’ não é igual ao comércio do Jacarezinho, é totalmente diferente, é... é mínimo. A senhora olha assim, diz assim: “Mas ‘Manguinho’ tá legal, já tem um açougue, tem um não sei o que, não sei o que...” Mas vai olhar o Jacarezinho, vê o quanto modificou, e o ‘Manguinho’ é bem mais velho do que o Jacarezinho.

TF – Aí, a senhora hoje mora na Rua do Crato. Ela fica onde, mais ou menos?

MG – Fica na Penha, fica na Penha.

TF – Então, não é Manguinhos?

MG – Não! Eu morei em ‘Manguinho’... Eu mudei daqui tem 2 meses.

TF – Ah, tá. Então, a senhora morou...

MG – (Inaudível) toda a minha vida foi ‘Manguinho’.

TF – Até esses 2 meses a senhora morava em que lugar, mesmo, assim? Dentro dessas comunidades?

MG – Até esses 2 meses eu morei... até esses 2 meses eu morei em todo ‘Manguinho’ porque eu nunca fui de ficar parada num lugar só, eu me sinto mal. Quando eu não consigo mudar de casa eu mudo os ‘móvel’ do lugar, então, eu (*risos*) não consigo ficar parada. Então, fui mudando, mas tudo dentro do ‘Manguinho’. Eu morei na Rua J....

TF – No CHP2?

MG – Eu morei no CHP2, que é lá no (Inaudível), depois morei atrás da quadra, depois morei na...

GG - ... na Coréia.

MG - ... na Coréia. Depois da Coréia eu mudei pra Rua J...

TF – A Rua J é onde?

MG – A Rua J fica no ‘Manguinho’.

GG – Manguinhos, no CHP2?

MG – No CHP2. Morei na Rua J. Da Rua J eu mudei para Santa Cruz, fiquei 4 meses lá, 4 anos, 4 anos em Santa Cruz. Aí, de lá, de Santa Cruz...

TF – A senhora mudou porque quis ou foi uma remoção?

MG – Porque quis, eu... Não, eu mudei porque quis, eu queria tirar meu filho daqui. Meu filho estava com 12 anos, não queria que ele se misturasse, mas não adiantou nada, não estudou mesmo, acabou. Aí eu mudei, fui lá pra cima, fiquei 4 ‘ano’ lá em cima. Depois voltei pra o ‘Manguinho’ de novo pra aquela rua... Como é o nome daquela rua?

GG – São Miguel?

MG – (Inaudível).

GG - Não, no final da Rua São Daniel.

MG – É, no final da Rua São Daniel, que eu nunca soube o nome da rua, no final da Rua São Daniel, morei ali. Dali eu troquei meu barraco, fui lá pra beira do rio, no mesmo lugar.

TF – Por que é que a senhora mudou? (Inaudível)?

MG – Porque a casa lá era maior, aí mudei pra lá. De lá apareceu uma troca...

TF – Beira de que rio que a senhora foi?

MG – Do...

GG – ... Jacaré.

MG - ... Jacaré. Aí, daquela rua, daquela casa, apareceu uma troca pra mim, cá pra frente, aí eu vim mais para frente. Foi aquele barraco grandão, de 2 andares. Ali é?

GG – Ali é Rua São Miguel.

MG – Rua São Miguel.

TF – Era barraco?

MG – Era barraco.

TF - Como é que a senhora distingue barraco de casa? Era porque era alvenaria e esse era de madeira, é isso?

MG – Esse era de madeira.

TF – Tá.

MG – É. Aí eu mudei pra essa casa. Dessa casa eu voltei pra Rua da Aliança, que foi... dentro do ‘Manguinho’ também, mais lá pra frente. Da Rua Aliança...

GG –... foi para o Mandela 2.

MG – ... fui pra o Mandela 2. Aí, do Mandela 2 fui pro... fiquei 7 ‘ano’ no Mandela 2, e agora mudei pra cá. Mas isso anos e anos, né?

TF – Mandela 2 é Mandela de Pedra?

GG – Samora Machel.

MG – Samora Machel.

TF – ...fazem uma confusão! (*risos*)

MG – É Samora Machel, é. Aí, de lá foi que apareceu esse... meu filho quis trocar, eu peguei e eu troquei com ele, fui pra Penha e ele ficou aqui. Aí eu saí de ‘Manguinho’, desliguei do ‘Manguinho’ por completo, né, me desliguei, mas não desliguei muito não porque tô aqui quase todo dia (*risos*), não desliguei muito não. Mas valeu essas ‘mudança’, sabe, que eu fui sempre procurando evoluir, eu queria melhorar. Então, nessa melhora, já que... já que o lugar não melhora, já que o lugar não sai do lugar, então eu vou sair. E era o que eu fazia. (Inaudível) meu marido dizia assim: “Você é maluca. Poxa, a gente está tão bem aqui, você já vai trocar?” Muitas vezes ele chegava, ele saía de manhã, tudo bem, quando ele chegava ele dizia assim: “Ué, cadê os móveis?” “(Inaudível)”. “Ué, cadê... ué, você trocou?” “Troquei.” “Tá onde?”: “Ah, vamos lá comigo que eu vou te mostrar onde é que é.” Eu que ia mostrar a ele, aí dizia pra ele: “Olha, só falta você levar o guarda-vestido e a geladeira porque é pesada”, porque o resto eu já tinha carregado. E assim eu fui mudando, mudando, até parar lá na Penha. Mas não sei qual o meu destino, de repente eu volto pra o ‘Manguinho’ de novo, né?

TF – A senhora já está com saudade?

MG – Não, não estou com saudade não, mas eu... olho assim, eu digo: “Não é meu lugar, (*risos*) não é meu lugar.” Ainda tenho muita coisa pra fazer dentro aqui de ‘Manguinho’. ‘Manguinho’ está precisando de muita coisa.

TF – E a senhora faz o que em Manguinhos, que a senhora.... precisa de muita coisa, são coisas que a senhora faz? A senhora tem uma atividade dentro de Manguinhos?

MG – Tenho.

TF – Qual é a sua atividade lá?

MG – A minha atividade no ‘Manguinho’ é que eu faço parte de um grupo da Terceira Idade e nós trabalhamos.

TF – O que é que vocês fazem?

MG – Tapete, artesanato, pintura... E eu... a minha atividade mais é pintar em tecido, então, faço jogo de cozinha, jogo de banheiro...

TF – Mas a senhora faz com esse grupo?

MG – Faço.

TF – Esse grupo está vinculado a que, alguma instituição?

MG – Esse grupo... esse grupo é... Como é o nome daquele lugar ali, na Varginha?

GG – **CEMASI**.

MG – CEMASI.

GG – É uma... é uma instituição da Prefeitura.

MG – Com a Prefeitura, (Inaudível) pela ONG, né?

GG – É, não sei qual.

MG – É, (Inaudível) ONG.

GG – A Prefeitura terceiriza um trabalho, contrata dinamizadoras que vão trabalhar com os idosos, com gente da Terceira Idade. É um programa da Prefeitura que acontece dentro desse CEMASI. Eles congregam idosos, fazem esses trabalhos pra estar... pra estar fazendo com que... tirar um pouco o idoso da... da... de dentro da sua casa, do seu marasmo, dinamizar mesmo a vida do idoso. E aí eles programam atividades com... de artesanato, passeios, passeios culturais...

MG – Passeios culturais (Inaudível)...

TF – Então, conta aí um passeio pra gente.

MG – Ah, os...

TF – Conta um pouco desses passeios pra gente.

MG – ... os passeios a gente vai... nos passeios nós vamos pra museu, né, que tem muitos que não entendem nada, inclusive eu, (Inaudível), que não entendo nada, mas eu olho tudo (*risos*), né, tem museu, nós vamos pra teatro, vamos pra... Imagem e do Som, eles nos ‘leva’ pra... assim, Parque Nacional da... da Varig...

TF – A senhora... Vocês é que escolhem? Não, eles escolhem e...

MG – Eles escolhem e...

TF - ... vocês que têm...

MG - ... ‘pergunta’ se a gente quer ir, a gente aceita, né? Como sempre, eu não perco uma porque eu sempre quero *ver*, eu sempre vou, né (*risos*), ‘difícilmente’ eu não ir.

TF – Mas essa atividade é aqui em Manguinhos?

MG – Aqui em ‘Manguinho’.

TF – Então, a senhora sai lá da Penha e vem para Manguinhos pra essa atividade?

MG – Venho. Agora eu não tenho vindo porque eu tive um problemzinho de derrame, não posso estar podendo sair, ficar parada, tudo bem. Mas a gente passeia muito. Nós fomos... nós vamos para a Ilha de Paquetá, sabe? Eles têm ônibus e tudo, e a gente vai, participa. Quando tem festa lá no CEMASI a gente participa, a gente participa de... desfile de moda ‘pras’ idosas, de desfile de... de festa junina, sabe, maquilagem para as idosas, então, a gente participa de muita coisa. E eu acho que nós (Inaudível) muita gente que, às vezes: “Ah, não vou porque já tô muito velha, eu tô cansada, não dá.” E a gente conversa com outras ‘idosa’ e acaba levando elas pra lá, pra o nosso grupo também, e isso é muito bom.

TF – E me diz o seguinte: as festas de Manguinhos, a senhora acompanhava as festas, então? Já vi que a senhora gosta de festa.

MG – Ah, acompanhava.

TF – O que é que tinha lá, o que é que tinha? O que vocês faziam que não fazem hoje, ou faziam e continuam fazendo?

MG – Não, a...

TF – Que atividades, assim, de festa mesmo, de comemoração?

MG – As ‘festa’ do ‘Manguinho’, é... é... sempre, só fazia mesmo era dentro da quadra.

TF – Sei, mas que tipo de festas?

MG – Eu participei muito de festa de ‘Manguinho’ na quadra, que festa do lado de fora quase não tinha, a não ser a festa junina, que era de rapazes e moças que ‘participava’, eu mesmo não participava não, não gostava.

TF – Nunca?

MG – Não, nunca. Ia, olhava tudo, mas não participava. Agora, dentro do ‘Manguinho’ eu participei de muita coisa. Em ‘Manguinho’ eu fui madrinha de ala de compositores, eu... (Inaudível)...

TF – Dentro da Escola de Samba de Manguinhos?

MG – A Escola de Samba.

TF – Ah, então, conte lá para nós, fiquei curiosa.

MG – Ah, eu fui madrinha de ala de compositores, eu fiz samba-enredo, ganhei samba-enredo no ‘Manguinho’, inclusive eu ganhei no ‘Manguinho’ e ganhei no Jacarezinho, né? Tinha... Que o ano de Maria Clara Machado eu ganhei no... ganhei no ‘Manguinho’. E dentro do Jacarezinho tinha... eu fazia... a minha casa virava barracão, né, porque eu botava... tirava tudo da sala, botava 4, 5 ‘máquina’, que a gente tinha máquina, levava pra minha casa. Então, até o meado de junho, julho, a gente olhava no chão, assim, num saco tinha paetê, miçanga, tinha tudo. (risos) Não adiantava varrer porque..., né? A minha casa era um barracão, então, juntava assim, 4, 5 mulheres, cada uma numa máquina, a gente fazia roupa de carnaval, inclusive isso aí tudo foi feito na minha casa, essas fantasias todas foram feitas, (Inaudível). Meu marido participava, meu marido participava, ele cortava as ‘palha’, ele pintava as ‘sandália’, ele sempre participou, né, ele foi compositor, participava (Inaudível). E nós fazíamos as festas de... de compositores. Eu ia pra cozinha, eu sempre gostei muito de cozinha, então, ia pra cozinha com uns panelões, aí fazia as comidas, né? Uma vez a gente inventava aquele (Inaudível), outra vez era angu à baiana, outra vez era feijoada, e sempre era eu que ‘tava’ na cozinha, né? Eu ia com eles fazer compra, eu ia com eles comprar... ajeitar tudo e ajeitava a cozinha. Era eu que ia pra cozinha, levava duas, três comigo, fazia aquelas ‘comidarada’, um mundo, era uma festa, né, era... era uma maravilha a festa do Manguinhos!

TF – E a senhora desfilava também?

MG – Desfilava muito, tranqüilo, aí...

TF – Desfilava aqui ou desfilava lá na... na Avenida?

MG – Na Avenida...

TF – Esse desfile era na Avenida?

MG – ... na Avenida, na Marquês. Que o ‘Manguinho’, hoje, coitadinho, já acabou, né, mas eu acho que ele está desfilando lá no... lá pra Magé afora, né, eu calculo (risos), porque ele já ‘teve’ na Marquês.

TF – Por quê é que teve... por que é que terminou, por que é que a senhora acha?

MG – Olha, é aquele tal negócio: se bota um presidente que tem intenção de levantar a escola, tudo bem, vamos levantar a escola, tudo o que fizer é pra escola. Se faz um almoço, se faz uma rifa, faz... tudo é para a escola. Mas, se o presidente quer só apanhar para ele, acaba.

TF – A senhora acha que foi isso?

MG – Então, o que foi, foi isso, terminou.

TF – Desde quando, mais ou menos, que a escola acabou, que a senhora...?

MG – Ah, acabou... Meu Deus, deixa eu me lembrar... Até 87... Eu desfilei...87, 88, 89. 90... Não, eu desfilei em 90 porque foi o ano que o Neguinho da Beija-Flor desfilou, que ele (Inaudível), o ano que o Neguinho da Beija-Flor desfilou. O... aquele que morreu... Como é o nome dele? O... Moreira da Silva...

GG – Morreu?

MG – Eu acho que morreu.

TF – Morreu.

GG – É?

MG – Moreira da Silva, nós homenageamos ele. Foi em 90...

TF – Samba de breque.

MG - ... em 90 porque eu me lembro... Eu só sei que é 90 porque eu me lembro que a gente cantava assim: não sei o que, não sei o que, “noventa anos de Moreira” (*cantando*), quer dizer, era o ano que ele fazia 90 ‘ano’, então, foi o samba que ele... desfilamos com ele, com ele. No outro ano seguinte desfilamos com Neguinho. E... 92 foi... aí eu já desfilei no ‘Manguinho’ e no Jacarezinho, foi o ano de Maria Clara Machado. Depois não desfilei mais.

TF – A senhora falar que foi o ano de Maria Clara Machado, é que vocês homenagearam ela também?

MG – Homenageamos Maria Clara Machado. E aí não fizemos mais, fizemos... esse foi o último samba que nós fizemos, aí não ‘brincamo’ mais carnaval. Aí *eu parei*, não (Inaudível)... A gente desfilava muito, eu... eu saía no ‘Manguinho’...

TF – A senhora parou porque a escola foi se...

MG – Não, eu parei porque... houve um problema muito chato na minha vida e eu perdi a motivação, não tive mais vontade de desfilar, sabe?

TF – A escola continua?

MG – A escola continuou, mas o ‘Manguinho’ já foi caindo, caindo, caindo... Já ‘veio’ outros ‘presidente’, aí já não dava mais, outros morreram, outras colegas morreram, e tudo. Me chamaram para ser madrinha... para ser presidente de ala das baianas, eu não quis porque foi na ocasião justamente que meu filho foi preso, aí eu não quis. Falei: “Não, não tenho alegria, não tenho motivação, não dá pra mim.” “Ah, deixa de ser boba porque o que é que tem isso? Poxa, seu filho fica 8 ‘ano’ preso, você não vai desfilar mais?” Eu digo: “Não, não vou, não vou, isso é uma opinião minha. Não vou porque o meu filho é o meu ídolo.” Ele... ele... se eu botasse uma... uma baiana ele ficava louco, ficava doido, ele: “Mãe, ‘pera’ aí, deixa eu ajeitar essa saia, tá torta! Deixa... Olha, mãe, é hoje que a senhora tem

que buscar a sua baiana, é hoje que a senhora tem que buscar a sua fantasia. Então, deixa, não vai não, não vai não porque é muita gente, muito calor, eu vou buscar lá pra senhora.” Então, ele me... sabe, ele fazia por onde, ele gostava, ele gostava mesmo. E quando eles eram ‘pequeno’ eles ficavam em casa e eu ia, eu só levava o de 12 ‘ano’, que eu levava pra brincar carnaval comigo, né?

GG – (Inaudível)

MG - Levava ela também, mas ela era muito chata, chegava na rua ela chorava (Inaudível) (*risos*). Não é minha cópia fiel (*risos*).

TF – Hoje ela gosta de carnaval?

MG – Não, ela não gosta de carnaval, ela não gosta de pintura. Agora que ela... agora que ela ainda tá melhorzinha um bocadinho, (Inaudível) alguma coisinha.

TF – A Terceira Idade (Inaudível)?

MG – Talvez, porque eu comecei com 15 ‘ano’ e não parei mais.

GG – Desde os 15 anos.

MG - Acho que eu só vou ter uma neta que vai puxar a mim (*risos*).

TF – Por quê? No samba, que a senhora diz ou no bordado?

MG – Em tudo. Eu só... eu acho que eu só tenho uma neta que vai puxar a mim, o resto... ou bisneta, né, porque o resto ninguém gosta. Agora, eu gostava. Então, eu desfilava... eu saía do... eu desfilava no ‘Manguinho’, desfilava no Jacarezinho, saía do Jacarezinho, mudava de roupa, e... aí meu marido dizia para mim assim: “Olha, vou botar você lá dentro do Salgueiro.” Aí eu mudava de roupa, já... me enfiava dentro do Salgueiro e subia pra ponte assistir o desfile, e eu desfilava no Salgueiro. E teve um ano que nós ‘desfilamo’ na Imperatriz. Uma chuva, um temporal, e a gente lá, na toda, desfilava na Imperatriz.
(*interrupção* na *fit*)

Fita 1 - Lado B

TF - ... também eu já ouvi falar essa... essa história.

MG – Compus, eu, junto com meu marido, porque quando a gente não tinha... quando a gente estava duro, sem um tostão, a gente fazia o seguinte: trancava as ‘criança’, deixava as ‘criança’ dentro de casa, sempre acompanhada, né, mamãe ‘tava’... mamãe ‘tava’ sempre junto comigo, ou minha comadre, não... não ficava sozinho, ninguém ficava sozinho. Então, eu... a gente ‘tava’ sem dinheiro, aí ele disse assim: “‘Vamo’ para onde?” “Ah, não tem pra onde a gente ir. Poxa, a gente...” Aí, tinha uma adegazinha ali, na... na ‘Democrático’ e a gente fazia o seguinte: “‘Vamo’ à adega.” Aí, ele dizia assim: “Olha, eu ‘tô com um trocado aqui, dá pra tomar uma cervejinha.” Eu digo: “Mas eu não tomo cerveja, eu nunca bebi.” Aí, ele disse: “Então, a gente compra um guaraná.” Aí, ‘compramo’ um guaraná. Ele pegava uma caixa de fósforo, eu pegava outra caixa de fósforo, e a gente fazia o samba ali.

TF – E quem escrevia? A senhora disse que não foi para a (Inaudível).

MG – Ele que escrevia porque eu não sei escrever, eu sou semi-analfabeta. Eu sei ler muito bem, leio que é uma maravilha, mas escrever, só meu nome. Eu levei 16 anos para trocar minha... meus ‘documento’, eu acho que agora eu vou, agora eu troco porque agora eu já aprendi a escrever, porque eu não sabia escrever o sobrenome dele. Então, (*risos*) não... não sei escrever. Não escrevo nome de filho, nem de ninguém porque eu não sei escrever.

TF – Aí a senhora... a senhora fazia samba com ele...

MG – Aí eu fazia samba, fazia sozinho um samba com ele, eu e ele, fazíamos sambas e ‘levava’ pra casa, e foram vários ‘samba’. Inclusive nós fizemos... ‘tivemos’ na... numa madrugada fomos pra uma... pra uma rádio. Era uma rádio que tocava samba de madrugada, eu não me lembro... Adeusam Alves.

GG – Rádio Globo, programa da Adeusam Alves.

MG – Rádio Globo, Adeusam Alves.

TF – Adeusam?

GG – Adeusam Alves, Adeusam Alves.

MG – Adeusam Alves. Eu...

TF – A senhora... a senhora cantava?

MG –... eu acho que tá lá gravado.

TF – Mas a senhora canta?

MG – Agora eu não canto nem encanto porque agora (Inaudível)...

TF – Canta aí para a gente uma musiquinha.

MG - ... que agora, sem dente, não canto nem encanto, mas posso até cantar, né?

TF – Então, canta uma musiquinha pra a gente ouvir, uma dessas que a senhora fez.

MG – Uma das que eu fiz, é. ‘Vamo’ ver, deixe eu lembrar, tem várias (*risos*). Tem uma que diz assim (*cantando*): “*Levanta, sacode a poeira / Esqueça que um dia / ela foi a sua companheira. / Levanta, sacode a poeira / Esqueça que um dia / ela foi a sua companheira. / Quem guarda passado é diário / Levanta da queda, amigo, / não seja otário. / Quem guarda passado é diário / Levanta da queda, amigo, / não seja otário. / Se realmente ela gostasse de você / não ia embora sem lhe dizer. / Esqueça esse momento / que foi pura ilusão / e a alegria voltará ao seu coração. / Esqueça esse momento / que foi pura ilusão / e a alegria voltará ao seu coração.*” Essafoi uma das que eu fiz, e junto com ele fizemos uma outra que diz assim... .. “Sacode a Poeira”... Tem uma outra, né?

GG – Essa parte eu fico meio de fora porque, como não gostava muito (*risos*), não participava.

MG – Não gostava não, é.

TF – Mas deixe a Gleide pra lá.

MG – Tem uma outra que eu... nós... eu... eu fiz sozinha, diz assim... Foi quando eu conheci ele, e nós... e... ele disse assim: “Faz um samba.” Eu falei: Ah, não tô afim não.” “Faz sim”, coisa e tal. Aí ele pra’ mim: “Ah, então, pega aí a caixa de fósforo vou ver se a... se eu consigo fazer algum samba.” Aí tentei, tentei, tentei, não consegui. Aí, vindo do trabalho, de Copacabana – mamãe morava no Engenho Novo, e eu vim de Copacabana até a Praça Sete – fiz um samba, e, como eu não sabia escrever, eu vim gravando ele de lá de Copacabana até a Praça Sete. Quando eu cheguei em casa eu falei para o meu irmão assim: “Pega a caneta e um papel que eu fiz um samba e eu quero escrever.” Aí o meu irmão pegou, disse: “Pô, também é burra, hein, não sabe escrever nada!” Falei: “Eu não sei, não aprendi, não tive tempo que eu tive que criar vocês, não tive tempo.” Aí ele pegou a caneta e escreveu. E eu fiz um samba assim – porque ele era separado e me conheceu, né? – então, eu fiz um samba assim (*cantando*): “*Vivia sozinho, desprezado, / tristonho e amargurado, / encontrei em mim uma grande razão. / Mas eu não me chamo Madalena, / nem tão pouco Maria Helena / para amenizar seu coração. / Andaste por esse mundo afora, / como fez até agora, / a procura de um alguém / Mas se você quer uma guarida / encontrei uma Aparecida / que quer uma guarida também.*” (*risos*)

TF – (Inaudível).

MG - Aí ele ficou louco, (Inaudível) (*risos*).

GG – A ex é Maria Helena, né?

MG – A ex chamava-se Maria Helena (*risos*), e eu era Aparecida. Então, isso aí ele ficou louco: “Pô, nêga, tu tem... Ficou legal, coisa e tal.” Aí ele disse assim: “‘Vamo’ jogar na quadra?” Eu falei: “Não ‘vamo’ jogar na quadra porque o nome dela vai ser muito divulgado e o meu também, então não ‘vamo’ jogar na quadra.” Aí, ele: “Tá, então...”

TF – Jogar na quadra era ele cantar na quadra?

MG – É, cantar, é. “Ah, então, não ‘vamo’ jogar na quadra.” Eu digo: “Então, pô, como é que a gente vai fazer?” Passou, passou, passou ‘ano’ (*estalando os dedos*), aí eu fiquei bolando o que é que eu ia botar no lugar daquele “Maria Helena” e “Maria Aparecida”, tinha que botar alguma coisa ali, né? Aí eu... aí eu digo... “Já pensou?” “Eu já pensei.” Aí... aí eu cantei assim (*cantando*): “*Vivia sozinho, desprezado, / tristonho e amargurado, / encontrei em mim uma grande razão. / Mas eu não me chamo Madalena / nem tão pouco Maria Helena / para amenizar seu coração.*” Aí eu misturei, aí ele... ele disse: “Tá cer... tá legal”. (*cantando*): “*Andaste por esse mundo afora / como fez até agora / a procura de um alguém / Mas, se você quer uma guarida / vai tratar da tua vida / que eu trato da minha também.*” Que é pra poder tirar a “Aparecida” fora. Eu tinha que tirar a “Aparecida” de qualquer maneira (*risos*).

GG – Mas a “Maria Helena” ficou?

MG – Mas a “Maria Helena” ficou, mas a Maria Helena ninguém sabe quem é, né, tudo bem. A “Aparecida” era eu, que vivia na quadra, ali, junto com ele, ‘garrada’ com ele, e se eu jogasse ali, dizia: “Pô, tá muito... muito visível,” (*risos*), né? Aí, eu... Ele: “Pô, ficou legal! Como é que é? Como é que é mesmo?” Aí eu disse (*cantando*): “*Mas se você quer uma guarida / vai tratar da tua vida / que eu trato da minha também.*” Aí ficou... ficou legal, aí ele jogou na quadra.

TF – Aí foi um sucesso.

MG – E foi um sucesso. Todo mundo brincou, todo mundo sambou, aí...

TF – Esse “jogou na quadra”, vocês se reuniam independente do carnaval pra fazer esses encontros? Como é que era isso?

MG – Fazia. Era 35 ‘homem’, só eu de mulher, não tinha mais mulher nenhuma.

TF – Era uma roda de samba?

MG – Era uma roda de samba. Era uma mesa igual a essa aqui, ou maior, né. Todo mundo, aquele montão de homem... Eu, na época, fumava, não bebia, mas fumava. Então, era maço de cigarro pra lá, maço de cigarro pra cá: “E aí, madrinha?” Eu era chamada se madrinha, é como sou até hoje, né, me chamam de madrinha. “Madrinha...”

TF – E era... ela se reunia de quanto em quanto tempo? Toda semana, como é que era?

MG – Toda semana. A reunião começava...

TF – Que dia?

MG – Era 3ª feira. A reunião começava às... às 9 ‘hora’, começava às 8 ‘hora’, terminava às 10, só que a gente só chegava em casa à meia-noite e meia, uma hora. Isso aí era de praxe, que a gente ficava na... (*estalando os dedos*)... Ih, ali a gente não...

TF – Mas era um grupo, se tinha um nome, ou era só (Inaudível)...?

MG – Era um grupo, era o... era a ala dos compositores, a ala dos compositores. E eu participava porque ele não ia sem ‘eu’. Eu dizia: “Ah, não vou não. “Não, vai sim, você tem que ir, tem que ir. Se você não for também não vou.” Então, aí, eu tinha que ir. Aí eu ia. participava, mas era gostoso, era bom, era uma amizade sólida, uma amizade bacana...

TF – Quanto tempo durou isso?

MG – Ah, isso durou foi’ anos, durou foi muitos ‘ano’... acho que durou minha mocidade quase toda (*risos*), mas durou foi muitos ‘ano’, eu me diverti muito...

TF – E essas músicas foram gravadas, ou elas...?

MG – Não, elas são o seguinte, lá em casa tá a maior parte delas, tudo guardado lá. Não... não registrei, nós não registramos. As que foram ‘gravada’ foi samba... foi de... de enredo, as de enredo foram ‘gravada’.

TF – E a senhora tem algum enredo de sua autoria?

MG – Não, tenho participação porque o... o samba-enredo, ele é feito com várias pessoas, né? Alguns têm a... uma cabeça maravilhosa de fazer um samba-enredo sozinho, mas os outros já não têm, né? Então, nós tínhamos várias pessoas fazendo sambas-enredo. Éramos, por exemplo, cinco. Pegava uma ‘sinope’ e cinco ‘fazia’ aquele samba-enredo, e nós participávamos. Eu... eu só cantava, né, eu só... eu só botava a minha parte lá, eu dizia: “Ó, bota isso assim, assim, bota essa parte aqui assim. Mas, vem cá, por causa de que em vez de botar isso aqui, não bota isso aqui assim, bota essa outra aqui?” “Ah, é mesmo! Pô, Cida, aí, tu deu uma idéia legal...” Aí botava, entendeu? Eu botava letra e música e... e botava ali a... Eles escreviam e ficava bom. No fim das contas saía, fazia um boi com abóbora e (*risos*) ficava bom, né? Eu me lembro que eu fui numa festa, e ficaram me perturbando: “Canta, Cida, canta!” E o meu marido era o fã número 1, ele era o meu... meu fã, né? Ali ele ficava: “Cida, vai cantar!” Ele era... ele era divulgador, então, quando ele pegava no microfone ele me chamava pra cantar. (Inaudível): “Eu não ‘tô’ a fim de cantar hoje, não ‘tô’ a fim de cantar, não tô nem preparada pra cantar, não ‘tô’ nem a fim de cantar.” “Mas canta, canta.” Aí, ele: “Não, vai cantar sim, canta sim, canta, canta uma música aí.” “Eu vou lá fazer um bocado de hora com a cara dele (Inaudível), cantar um samba aqui que ele nem conhece”. Aí subi e cantei. Aí cantei assim, olha... Como é? (*cantando*) “*Eu canto sim, / samba pra mim. / Eu canto sim, / samba pra mim. / Mas não sou poeta / e nem tenho lira. / Quisera eu / saber como se inspira. / Eu não sou poeta, / eu não tenho lira. / Quisera eu / saber como*

se inspira / Eu tenho lá em casa / muito samba de sobra, / mas tem gente que diz / que aquilo não é samba, / é um boi com abóbora. / Quisera eu / (Inaudível) inspiração. / Eu não sei se é com lápis / ou com um papel na mão / Eu canto sim.” (risos) E ele ficou maluco, ele: “Onde você foi buscar isso?” Eu digo: “Ah, não sei. Você mandou eu cantar.”

TF – Acabou de fazer?

MG – Acabei de fazer, fiz ali, na hora, (risos) (Inaudível) fiz ali, na hora. Um samba que nós fizemos, aí ele... “Pô!” E a gente fazia samba assim. Às vezes, a gente chegava de madrugada e ele dizia assim: “‘Vamo’ fazer um samba?” “‘Vamo’.” Aí ele sentava assim, pegava um café, esquentava um café, me dava, aí ele sentava, deitava no sofá, e então a gente ficava fazendo samba. E fizemos muitos ‘samba’, muitos ‘samba’, muito samba mesmo, muito samba. Tenho vários, tem muito samba que eu não lembro, muito samba.

TF – Esses sambas estão escritos ou não?

MG – ‘Tão’ ‘tudo’ ‘escrito’.

TF – Todos escritos.

MG – Tudo guardado, tudo escrito. Tem um que nós fizemos... Tem um que eu fiz com meu irmão, que eu fiz com meu irmão, foi assim... também aqui no ‘Manguinho’, fiz com meu irmão, e fala assim (cantando): “*Tenho que ter coração forte / para resistir a essa falta de sorte / que o destino levou, / tenho que ter. / Tenho que ter coração forte / para resistir a essa falta de sorte / que o destino negou. / Espero que o amanhã seja bem diferente. / O sol nasceu pra toda a gente, / pra mim ainda não brilhou. / Espero que o amanhã seja bem diferente. / O sol nasceu pra toda a gente, / pra mim ainda não brilhou. / Quero fazer as pazes com a felicidade / e viver na claridade / para me produzir/ Espero que o destino me ‘conduz’, / me liberte da escuridão / para eu enxergar a luz.*” (risos)

TF – Que bonito!

MG – Isso é um samba que eu fiz, eu, ele e meu irmão, fizemos esse samba e mais outros sambas que nós fizemos também. Um samba que nós fizemos também com uma correria que teve lá no morro onde mamãe morava, e meu irmão teve que sair, o colega dele teve que sair, e... teve que sair não, saíram porque ‘ficou’ com medo, porque muita confusão. E, então, e... ‘encontramo’: eu, o meu marido, meu irmão e esse colega, lá em... lá em Niterói. Muito tempo (estalando os dedos) que a gente não via ele, aí, ele: “Pô, Aílton, e tal! Aí, ‘vamo’ tomar uma cervejinha?” Ele disse: “Olha, a minha irmã não bebe.” “Ah, não tem problema, coisa e tal, a gente compra guaraná pra ela, botar ela embriagada de guaraná, e coisa e tal.” Aceitamos. E... com uma caixa de fósforo e uma... uma caneta batendo na garrafa fizemos um samba que diz assim (cantando): “*Oh, meu camarada, / mais uma vez, como vai você?*” Que tinha muito tempo que ele não vinha em casa (estalando os dedos). “*Naquela jornada / eu não posso me esquecer. / Quem marcou bobeira / ficou pra trás / e dessa maneira / o tempo se vai. / Quem marcou bobeira / ficou para trás / e dessa maneira / o tempo se vai. / As folhas que morrem / não tornam a voltar. / A sua história / ficou no placar / Daquela marola / que o vento se foi / e dessa história / restou só nós dois /*

Daquela marola / que o vento se foi / e dessa história / restou só nós dois.” Foi uma coisa que marcou muito porque meu irmão saiu assim do Morro São João. Eu... eu já estava na minha casa, já estava aqui no ‘Manguinho’, e esse rapaz, ele sumiu, tanto que nós nunca mais vimos ele, ele sumiu. E esse samba ficou marcado porque eu fui vendo, através desse samba eu fui vendo como é que o tempo passa, e a gente, aquelas velhas ‘amizade’ vai sumindo, vai se acabando, vai cada um pra um canto: uns ‘casa’, outros ‘morre’, outros mudam, e vai... é aí realmente é o samba mesmo que eu fiz, que nós fizemos. Aquela marola não volta mais, né? Aí a gente fica assim, aquela coisa, então fica aquela saudade. E eu cantei muito esse samba dentro do presídio pra os meus filhos, muito mesmo, que eu tinha um... Meu filho mais velho dizia: “Mãe, canta aquele samba, canta aquele samba pra mim, canta aquele samba! Vem cá, vem cá, cara, vem cá, vem cá escutar a minha mãe, escutar aquele samba, um samba bacana pra caramba!” Que, se a gente parar para analisar, é realmente isso: os colegas antigos foram tudo embora, não tem mais, coisa, e esse ficou marcado. E vários sambas. E, se eu for cantar, eu vou cantar aqui o dia (Inaudível) (*risos*), tem muita coisa.

GG – Tânia...

TF – Pode falar, Gleide.

GG - ... dá uma... dá uma lembrada na... voltar um pouco na história, falar um pouco da... dos eventos culturais pra senhora conhecer Manguinhos, por exemplo, ouvi dizer que tinha uma rádio, tinha um clube, chegou a conhecer isso?

MG – Tinha, tinha, tinha o clube do... do seu... Juvenal.

GG – Isso... tinha.

MG – Não era um clube, não era um clube, era um... um palco que ele botava pra o lado de fora, tá, ali... ali... Não... não tem ali a Associação?

GG – Qual associação?

MG – Do Manguinhos, do CHP... do CHP2, né? Não, ali, aqui, depois da torre.

GG – Perto da casa do (Inaudível)?

MG – Não tem a torre?

GG – Ah, sim, do Parque João Goulart, em frente ao campo?

MG – Isso.

GG – Parque João Goulart.

MG – Então, tem ali a Associação, não tem? Então, antigamente, ali não... não era associação, ali era uma tendinha do Juvenal. E o Juvenal gostava muito de... de samba, de

pagode, de festa, de tudo. Então, ele botava um palco e fazia uma roda de samba. Todo mundo cantava ali, todo mundo (Inaudível) samba ali. Dia de sábado e de domingo era a festa do Juvenal. A Juvenal fazia angu, fazia feijoada, feijoada no... no copo, e a gente ficava ali, e fazia aquela festa. E tinha também um clube lá onde mora a Marlene. Atrás da casa da sua tia Juju...

GG – Sei.

MG ... ‘aonde’ mora aquela moça que bebe muito...

GG – Ah, sei, CHP2, ali é o CHP2.

MG - ... CHP2, ali era um clube, e depois transformou ali numa casa, mas era um clube. A chácara...

GG – Sei, da Marlene.

MG - ... da Marlene, é o quintal do clube. Era um clube enorme. E a gente ia pra lá, a gente dançava, a gente curtiava muito, pintava e bordava naquele clube. Era um clube bom pra caramba. Ali tinha essa... essas ‘festividade’. E no campo do Jossi tinha festa junina, e juntava todo mundo naquele campo.

GG – No Parque João Goulart, (Inaudível) do Jossi?

MG – No Parque João Goulart. Até eu... até eu tenho uma fotografia (Inaudível), mas eu nem me lembrei de procurar, não achei. Tem muita fotografia lá em casa e eu não... não achei. Mas ali tinha o... a festa junina. Botávamos um montão de barraca e era uma festa boa mesmo, sabe, muito... muito gostosa mesmo, no Parque João Goulart, no Parque... Parque do Jossi, né?

GG – É, é o campo do Jossi.

MG – No campo do Jossi.

GG – E o grupo de escoteiros, chegou a conhecer?

MG – Conheci, o Robson fez parte do grupo de ‘escoteiro’.

GG – Dentro de Manguinhos?

MG – Dentro de ‘Manguinho’, mas...

TF – Quem (Inaudível)? Como é que era... como é que era essa história? Quem que levou o grupo pra lá?

MG – Eu não sei quem levou o clube de ‘escoteiro’, mas era naquela casa onde morava a...

GG - ... a Lena?

MG - ... onde morava a Lena, onde morava a irmã...

GG - ... Ione?

MG - ... a irmã Ione, ali tinha um grupo de 'escoteiro'. Depois o grupo de 'escoteiro' saiu dali, e foi pra Igreja... Metodista do Sétimo Dia...

GG - ... Adventista.

MG - ... Adventista do Sétimo Dia.

GG - Na Vila Turismo,

MG - Na Vila Turismo, entendeu, na Vila Turismo, porque saiu dali e levaram pra lá o grupo de 'escoteiro', que, inclusive...

TF - Mas quem levava?

MG - Quem levou foi o... pessoal mesmo do... que criou o grupo, tá, que, inclusive, o meu filho fez parte dos escoteiros dali, né? E tinha muita coisa...

TF - Mas por que foi mudado de lugar, a senhora sabe?

MG - Porque não tinha condição. Ali era muito... ali era muito apertado...

TF - Ah, tá, então foi por causa de... de espaço?

MG - ... e tinha... É, e tinha... Aqui era a casa e aqui era o rio, aquele... esse rio...

GG - ... Jacaré.

MG - ... Jacaré, né, aqui era o rio, então, não tinha espaço. Aí, então, tiraram dali e botaram na Escola Adventista. Foi muito bom.

TF - Foi muito bom? O que eles faziam?

MG - Eles passeavam, eles acampavam, faziam ginástica, 'ia' pra... Tinha essa... que, nessa época, já não 'tava' mais aqui a... aquela aviação, né, aquele coisa da aviação, já era lá em Jacarepaguá, então levavam eles pra lá, né, e eles se divertiam muito, muito mesmo.

TF - Era para o espaço... o tempo?

MG - Pra ocupar o tempo das crianças, né, que, antigamente, no... a gente não via garoto no meio da rua, nem no meio de gente, assim, que não tinha um nível legal, então, a gente não via, porque eles 'mesmo' 'perguntava': "Tá fazendo o que aqui? Aqui não é o seu lugar

não! Vou falar com o seu pai que você tá aqui, hein! Vão embora!” Então, eles ‘mesmo’ ‘tirava’ as crianças dali. E tinha ocupação porque tinha pensão ‘pras’ ‘criança’ carregar aquelas ‘marmita’, não sei se a senhora lembra, mas eu acho que eu sou bem mais velha (*estalando os dedos*) que a senhora (*risos*). ‘Era’ umas ‘marmita’ grande assim que as pensões davam, né? Então, “empregava” os ‘garoto’ pra levar marmita, empregava na quitanda, empregava em botequim, empregava criança na padaria, e tinha emprego pra menor, inclusive tinha até “salário menor”, né, salário... o salário dele era do menor, tinha, e as ‘criança’ tinha mais ocupação. Talvez não ‘tivesse’ tanto estudo, nem tanta, assim, tanta coisa assim pra fazer, né, de... de... coisa, mas tinha serviço, né? E... as madames mesmo ‘chamava’ as ‘criança’, botava as ‘criança’ (Inaudível): “Você quer vir...” Meu irmão mesmo, meu irmão era garoto e a madame chamou muito ele pra... “Você quer trabalhar na minha casa, para você lavar o carro, lavar o jardim, molhar as plantas, fazer feira?” Que antigamente faziam feira, né, existia feira porque não existia supermercado, né, era feira, né, fazia feira, “... e fazer... fazer, assim, pagar as minhas continhas de luz, de água, no banco, tudo...” Meu irmão trabalhou muito assim. No IAPI da Penha meu irmão também trabalhou, é... encerando aquela escadaria da... daquele (Inaudível). Aqueles ‘bloco’ de apartamento, então tinha as ‘escada’, né, de vermelhão. E cada morador fazia uma... uma vaquinha e botava uma pessoa pra limpar...

TF – Que blocos de apartamento, aqueles da... da... de combatentes, não?

MG – Da Penha.

TF – Ah, tá, (Inaudível), ah, tá.

MG – Meu irmão trabalhou muito lá, meu irmão trabalhou muito lá. Então, quer dizer, antigamente tinha ocupação pra o menor, o menor não ficava na esquina parado, não... porque tinha, e eles ficavam ‘satisfeito’ porque ‘ganhava’ um dinheirinho, né, ganhava uma coisa, outra, né? Meu irmão, muitas vezes, foi pra casa levando roupa usada que as madames ‘dava’ a ele. Depois que ele encerava tudo, (Inaudível), as madames ‘dava’ roupa usada, ‘dava’ sobra de comida, não era resto não, era sobra mesmo de comida, ‘dava’ pra ele, sobra de pão, e ele ia pra casa levando. Então, quer dizer, o menino tinha ocupação, o menino tinha o que fazer, o menino... ele... ele tinha os ‘estudo’. Meu irmão começou a estudar com 13 anos. Ele não foi pequeno pra estudar (Inaudível), 13 anos. Ele, hoje, ele é um funcionário do IBGE, tem 27 anos de IBGE, mas ele batalhou muito pra chegar até lá, né, foi numa época que... na época em que se entrava assim... não precisava muita burocracia, né? Um dia ele conseguiu. Mas ele trabalhou muito, e naquela época tinha, tinha coisa. Eu digo... eu fico olhando os garotos agora, eu digo: “Meu Deus!” O Governo fez uma coisa muito errada, muito errada, tirou do garoto... “Não, o menino tem que estudar.” Tá, tudo bem, tem que estudar, mas cadê recurso? “Ah, não, porque a escola dá isso, a escola dá aquilo, a escola dá aquilo outro, que a escola faz, a escola acontece...” Mas o garoto não quer só isso. O garoto vê no pé de um outro garoto um tênis bonito, ele quer um tênis bonito também, ele não quer só estudo. Então, tinha que ter o estudo e um meio de ele ganhar um dinheiro. E antigamente tinha, tinha um meio de ele ganhar um dinheiro. E as ‘escola’ também ‘ajudava’, que, muitas vezes, eu não tinha uniforme pra ela, e nem tinha como comprar, mas tinha um papel assim que a escola dava, que a gente ia lá no 21, a gente fazia uma... atestado de pobreza, né, fazia o atestado de pobreza, e a gente levava na escola,

e a escola dava: o pano pra blusa, dava o emblema, dava a saia pra fazer... o pano pra fazer a saia, a meia e... essa parte de tênis, né, o sapato, sei lá o que é que eles ‘dava’, né? E muitas vezes eu fiz na mão saia pra ela, mas a escola dava também, a escola ajudava e tinha um meio deles ganhar um dinheiro.

TF – Fez na mão, a senhora costurava na mão que a senhora está dizendo?

MG – Já, não tinha máquina. Que máquina! Máquina era luxo, era igual a televisã..., a geladeira. Geladeira, eu fui ter geladeira... há 27 anos atrás foi que eu consegui a minha 1ª geladeira. E televisão era aquela preto e branca, que, às vezes, tinha mais risco do que tudo, né, também não tinha tanta bobagem como tem hoje. Então, quer dizer, a... a criança tinha (Inaudível), tinha muita distração, tinha, por exemplo... Hoje... hoje a gente não vê mais botar uma mesa e sentar a família toda em volta pra comer em volta da mesa, conversar, dialogar, dar conselho, né, mas antigamente tinha. Hoje, faz o prato, senta no sofá, liga a... em frente da televisão, o pai tá falando, tá: “Hum, hum.” A mãe tá falando, tá: “Hum, tá, tá legal, mãe. Aí, valeu”, né? Mas antigamente não, antigamente era em volta da mesa, sentava, conversava, quer dizer, modificou muito. Eu, sinceramente, eu tinha que viver 63 anos pra ver essa modificação. Eu gostaria que voltasse a ser o que era, eu gostaria muito, eu gostaria muito que... o Rio de Janeiro, o Brasil, sabe, independente de tudo, eu gostaria que voltasse a ser aquilo que era antes, sabe? Parecia que tinha um... era um... era... havia muito mais humanidade, havia mais compreensão, havia mais amor em todo o mundo, sabe? Todo mundo se cumprimentava. Por exemplo, a gente criava um filho, e, quando ele começava a falar, eu me lembro que a gente dizia assim: “Tome bênção a fulano que é mais velho que você, tome a bênção. Toma a bênção de sicrano. Cumprimenta o fulano.” Hoje não: “Fala com fulano.” “Oi.” (*risos*) Ficou um negócio assim, esquisito! Eu... eu ainda tenho muito de antigüidade. Aí, os meus ‘neto’ diz assim: “A minha avó é moderna. A minha avó bota uma calça comprida, uma calça *jeans* senta junto com a gente, bate papo, é moderna.” É, realmente, eu sou moderna, mas tenho lá meus... minhas antigüidades. E eu acho que as ‘antigüidade’ vale muito!

TF – E a senhora acha que essa mudança foi por quê?

MG – Ah, eu acho que essa mudança vem da parte do Governo, essa mudança vem da parte das pessoas, sabe, vem da parte da... financeira, vem da parte de religião, que tem muita gente que não... sabe, não... não tem um Deus vivo, não... não liga, sabe? Antigamente parecia que havia mais religião, (Inaudível) amor. As pessoas ‘passava’ respeitavam, sabe? Hoje não tem mais isso, não tem, dificilmente aparece. E o Governo porque ele não tá nem aí, ele tá... tá fazendo, né, e, coitado, que é que ele pode fazer? Mais do que isso não dá pra ele fazer não porque ele já encontrou bagunçado, e se ele for tentar consertar agora não vai dar... já está bagunçado há mais de 30 ‘ano’, né, (*estalando os dedos*) tem... já vem bagunçado desde muito tempo, então, ele não tem como... como consertar. Autoridade: a gente olha assim, diz assim: “Eu vou pedir informação àquele guarda ali. Aquele polícia ali, ele vai me dar uma boa informação, que eu quero ir em tal lugar, assim, assim.” De repente, a gente pedir informação àquele polícia, o polícia já ataca, lhe rouba e sai correndo. Mas aí você fica sem saber como, fica sem saber: “Eu vou pedir ou não vou? Será que ele é sério? Será... será que ele é honesto? Será que ele é legal?” (*risos*) Quer dizer, então, fica: autoridade, o Governo, que não tem como fazer, a... a sociedade também puxa muito a

sociedade, puxa muito. Aí diz assim: “Ah, não tem, não existe preconceito.” Existe, existe. Nós... nós só não temos é os...

Fita 2 - Lado A

TF - ... Aparecida Guimarães, fita número 2, no dia 20 de julho de 2004. Vamos continuar, (Inaudível)...?

MG – Então, tinha a história da Escola de Samba. Foi o seguinte, ela era uma... um bloquinho pequeno, que eu, no momento, não lembro o nome não, mas era um bloco pequeno.

GG – Capela?

MG – Capela, né? Não, não era Capela, não era, sabe por quê? Porque a Capela, Unidos da Capela, era lá em Parada de Lucas, que hoje é Unidos de Lucas. Eu já nem sei se existe ainda, né, mas era uma escola... era um bloco pequeno, era um bloco bem pequeno, que se formava assim, com o pessoal da comunidade e o pessoal que trabalhava na... na... na fábrica de cigarro. Como era o nome?

TF – Souza Cruz.

GG – Souza Cruz.

MG – Na Souza Cruz. Então, a Souza Cruz fazia assim um bloco, né, ela fazia o bloco de... todo mundo de havaiano, mas não era outra fantasia, era só havaiano, todo mundo de havaiano. Tinha uns ‘calçolão’, botava por baixo, fazia a havaiana de maço de cigarro. Era de cigarro, cortavam os ‘cigarro’, aquelas ‘coisa’, e fazia aquilo. Aí tinha a ala da... do “Hollywood”, que era vermelho, a ala azul e branca, que era “Continental” (*risos*), a ala do “Caporal Amarelinho”, que era... do “Caporal Amarelinho”, a ala amarelinho, e fazia aquilo tudo, e tinha o (Inaudível). Mas era uma coisa muito engraçada! E as baianas era chitão, aquele chitão bem (Inaudível), né?

TF – Chita.

MG – Aí amarrava assim um turbante, aí... aqui assim, botava uma cestinha com uma fruta, e aqueles ‘cordão’, que hoje ‘é’ aquelas ‘bola’ de árvore de Natal, qualquer coisa daquela, ali era os ‘cordão’. E... esse pessoal que saía na Souza Cruz era o mesmo pessoal que saía no bloco aqui dentro do ‘Manguinho’. E o bloco se transformou numa escola, que foi... Que a Imperatriz tinha muita raiva do ‘Manguinho’ porque a Imperatriz queria juntar o ‘Manguinho’ com ela, porque a quadra do ‘Manguinho’ era a maior quadra que tinha, que, realmente, é a maior quadra que nós temos aqui. De todas as ‘escola’, a escola do ‘Manguinho’ é a maior, a quadra é a maior, então, eles ‘queria’ juntar. E aí formou-se a Escola de Samba Unidos de Manguinhos, que, na época, era verde e branco, sempre foi

verde e branco. Mas, depois, a Mangueira resolveu batizar o ‘Manguinho’, então, botou: verde, branco e rosa.

TF – Ah, é?

MG – É, verde, branco e rosa.

TF – Como assim? Como a Mangueira resolveu batizar? Não entendi isso.

MG – A Mangueira... eles fizeram uma fusão com a Mangueira, mais para ajudar, né, e a Mangueira ajudava muito ‘Manguinho’, então, fizeram ‘Manguinho’ ser afilhado da Mangueira, né, afilhado da Mangueira.

TF – Aí a Mangueira botou o rosa?

MG – Aí a Mangueira já lascou o rosa dela no meio. Eu aí já não gostei (*risos*)... mas saí assim mesmo. Eu puxava mais pra o... prá o verde, então deixava o rosa de lado, puxava prá o branco, sabe, mas eu não queria saber da Mangueira, (Inaudível), eu puxava mais a minha cor...: “Ah, Cida, você vai fazer dama de que cor?” “A minha dama é branca.” “Não, mas não tem que botar...?” “Tudo bem, boto, vou botar o verde, sabe, botar o verde.” E... e ela foi crescendo nesse... nesse ritmo porque o sr. Milton Costa, que era presidente, ele fez muita... muito pela escola, muito mesmo, muito mesmo pela escola. Eu tinha uma ala, que quando eu formei a ala, então, eu mesmo fiz as ‘fantasia’, eu mesmo comprei o pano, porque quando eu fui comprar o pano já era na 6ª feira, não tinha mais *lamé* nenhum, o *lamé* que tinha era o mais feio do mundo que tinha lá, e eu falei: “È esse mesmo.” Aí o que é que eu fiz? Comprei aquele *lamé*, éramos treze, né? Treze? Treze, e... meu marido pintou os sapatos todos de prateado, e eu fiz o... as ‘fantasia’, pintamos as fantasias com aqueles ‘emblema’ todo africano, sabe, um negócio... um negócio “africanado”, que até hoje não sei... (Inaudível), que era um negócio de africano. E, quando ‘chegamo’ na quadra, o Milton Costa falou assim: “Pára vocês três aí! Pára vocês aí! Quem é a chefe da ala?” “A chefe da ala sou eu.” “Então pára todo mundo.” (Inaudível), ele olhou, olhou, olhou, todo mundo quase do mesmo tamanho, né, os mais baixinho de sapato de salto. Foi lá dentro, pegou umas lanças e trouxe, botou uma lança na mão de cada um. As ‘menina’ ficaram com uma raiva danada, eu falei: “Tá bom.” Quase me bateram porque as meninas ‘queria’ sambar, elas ‘queria’ sambar, ‘queria’ mostrar (Inaudível), eu não, que eu nunca soube sambar nada. Eu... eu gostava de sambar, mas não sabia sambar não, nunca soube, nunca aprendi. Ensinei todo mundo, mas não aprendi (*rindo*), levei todo mundo, mas não aprendi. Eu só sabia fazer evolução, mais nada, e como até hoje, só sei fazer evolução, mais nada. Aí, quando chegou na avenida, o Milton Costa vira-se para as meninas, e diz assim: “Olha, nós não temos comissão de frente. Como vocês são ‘tudo’ muito “igualzinhas”, ‘tudo’ muito ‘bonitinha’, muito bem ‘feita’, vocês vão ser comissão de frente.” Ah, mas prá que? Quase que eu apanhei: “Você não falou que a gente ia ser comissão de frente, agora a gente quer sambar, não pode!” Que a comissão de frente não pode sambar, né, tem que ficar em pé, né? Agora samba, né, agora... virou bagunça, agora samba, mas comissão de frente tinha que ficar ‘durinho’. A escola andava, tinha que andar e... A comissão de frente agora é outra coisa. Então, ‘tava’ todo mundo duro, ninguém sambou. Nossa Senhora! Então:

“Amanhã não vou não, ah, não vou desfilar não. O desfile principal é hoje”, que era na... na... Meu Deus do céu, era lá na... na...

GG – ... Praça Onze?!

MG – ... na Praça Onze, era na Praça Onze.

TF – Presidente Vargas.

MG – Era na Presidente Vargas. E, naquela época, não podia (Inaudível), não podia beber, não podia ter bebida, não podia mesmo! Era ‘brabo’ mesmo, mas não era igual agora, que não ‘podia’, mas sempre dá um jeitinho, naquele jeitinho brasileiro, sempre dá um jeitinho: bota “sacolé”, né, mas naquele tempo não podia mesmo não. Só que eles ‘fazia’ batida, e, como eu sempre saí de dama... Eu nunca saí, assim, pelada, só teve um ano que eu saí pelada, teve um ano, teve um ano só que eu saí de biquíni. (Inaudível) biquíni bacana, um biquíni que agora não é biquíni, prá eles, agora, não é biquíni, mas, prá mim, naquela época, era biquíni, era indecente, agora... Então, eu saí, eu... eu desfilei no ‘Manguinho’, depois eu desfilei no... no Salgueiro, de biquíni.

TF – Não, mas a senhora fazia o que com a bebida, que a senhora disse que...?

MG – Aí eu ‘tava’ de dama, nessa época eu ‘tava’ de dama, era uma dama bem rodada, bem armada, né, e eles vinham com a caixa de... com os ‘litro’ de batida, e eu ficava em pé, assim, na Central (*risos*) – a concentração era na Central prá desfilar na Praça Onze – eu ficava em pé, aí eles (Inaudível) dizia assim: “E aí, Cida?” Eu não era madrinha nessa época não. “E aí, Cida, tem alguma coisa prá gente?” Eu: “Tenho, debaixo da minha saia.” (*risos*) Aí eu ficava durinha, em pé, assim, o... o guarda lá na frente, me olhando, eu olhando prá cara do guarda, sabe, olhando prá cara do guarda, rindo prá o guarda, e eles escondendo bebida debaixo da minha saia. Timbira era o primeiro (*risos*), tirava a bebida, botava no copo, um copinho de plástico, botava no copo, bebia: “Bom, agora dá, agora tá tranqüilo, agora tá bom!” Botava a garrafa lá embaixo e eu ficava ali. Aí, quando: “Ah, tá na hora do desfile, tá na hora do desfile!” Aí vinha todo mundo, pegava as ‘garrafa’ de bebida, entocava num canto, guardava... Eu fui muito levada, Nossa Senhora, eu... eu pinteí, por isso que eu não tenho saudade de nada, que eu já pinteí tanto (*risos*), não dá saudade. Mas, então, eu pinteí. Esse casal aqui era um casal de mestre sala. Ele... ele já morreu. Ele bebeu tanto, coitado, que a cachaça... Ele não ‘güentou’ acabar com a cachaça, aí a cachaça acabou com ele, e ela. Esse casal aqui, de... nesse desfile aqui, eles ‘tão’ brigando.

TF – Mentira!

MG – ‘Tão’. Eles aqui ‘tão’ discutindo, xingando mãe de um, mãe de outro, mandando tomar em tudo quanto é lugar, aqui. Só eu sabia porque eu vinha atrás deles. Então, eu dizia: “Gente, pára com isso.” “Não, Cida, não tá dando prá ninguém entender, não, que a gente tá rindo. Chegar em casa ela vai ver só, que eu vou quebrar a cara dela todinha!” (*risos*).

TF – (Inaudível).

MG - Esse casal aqui. Então, era o mestre-sala do ‘Manguinho’. Eles foram muito ‘bacana’, só tirava 10 mesmo, mas era assim, viviam brigando, ‘tirava’ 10, mas ‘vivia’ brigando, brigavam prá caramba...

TF – Essa foto foi na... na Avenida?

MG – Essa foto foi na Avenida, essa foto foi na Marquês...

TF – Na Marquês já?

MG – Na Marquês, foi na Marquês essa foto aqui.

TF – Isso deve ser quando, a senhora tem idéia?

MG – Isso aqui foi... isso foi em oitenta... em oitenta e sete, foi em 87, foi.

TF – E a senhora veio desfilando também de baiana?

MG – Eu vim desfilando... eu vim no carro, eu vim no carro.

TF – Ah, no carro?

MG – Foi. Sabe por que é que foi em 87? Porque foi o ano que... que vinha um samba falando lá... (*cantando*): “*Pele de onça, tira... Pele de onça (Inaudível) de madame...*” E eu vinha de chapelão e vestida de *madame*, no carro, que eu fiquei danada da vida...

TF – Foi esse aqui?

MG – Foi esse aqui.

TF – não, foi esse aqui atrás, que aqui atrás tem um carro?

MG – Não, não, porque não tiraram a minha foto, queimou, a minha foto queimou. Mas eu vinha... eu vinha aqui. Aqui é quando eu freqüentava a escola de samba. Isso aqui... tem uma história tão gostosa isso aqui!

TF – Então, conta.

MG – Essa... isso aqui foi o ano do Neguinho da Beija Flor. Então, esses... ‘esses’ coisa de enredo aqui ‘tudo’ que eu fiz tudo lá em casa. Lá em casa era um desespero, era tudo, tudo, tudo lá em casa, tudo. Aí, na hora...

TF – E essa aqui é a senhora?

MG – Essa aqui sou eu. Na hora... E tinha... e tinha que vir: homem de calça branca e camisa do Flamengo, e eu dizia: “Eu não sou Flamengo, eu não vou, eu sou América, eu vou de vermelho e branco.” Aí todo mundo se arrumou, me chamou: “‘Vamo’ embora, ‘vamo’ embora, ‘vamo’ embora! Tá quase perto de apresentar o samba e tem que tá lá na quadra prá arrumar o... a... as alegorias...” Essas ‘alegoria’ ‘tudo’ ‘foi’ eu que fiz lá em casa, né? “Então, tem que fazer as ‘alegoria’, tem que levar, coisa e tal...” Aí, eu (Inaudível): “Vai levando as ‘alegoria’.” Aí levaram, levaram as ‘alegoria’, e todo mundo foi, só que eu fiquei prá trás, que eu fiquei com o cabelo duro, que eu não tive tempo de fazer meu cabelo, de esticar o cabelo, e eu disse: “Meu Deus, como eu vou fazer agora, em cima da hora? Mas você quer saber?” Tomei meu banho, mudei minha roupa, joguei... botei um batonzinho, peguei esse chapéu aqui, enfiei ele, virei ele prá um lado, botei os ‘brinco’ de argola, e fui, mas ninguém podia tirar meu chapéu porque meu cabelo ‘tava’ durinho (*risos*), grande e duro, que o meu cabelo era grande. Eu embuti aqui assim... Aí cheguei lá... Quando cheguei na quadra: “Cida, você tá linda! Poxa, como você tá maneira! Deixa eu ver.” “Não, não pode ver porque eu não gosto que tire o chapéu da minha cabeça, (Inaudível). Não gosto que tire o chapéu da minha cabeça. Pode ver só (Inaudível): “Meu cabelo tá duro, meu cabelo tá sem esticar, não pode (*risos*).” Aí, elas: “Quá, quá, quá.” Começaram: “Ah, Cida, eu não agüento você!” e tiramos esse retrato. Esse retrato ficou prá posteridade porque só tiramos esse. Mas foi uma... uma brincadeira gostosa, sabe, que meu marido dizia assim: “Gente, pelo amor de Deus, não tira o chapéu da minha mulher, senão vou ter que pedir o desquite agora.” “Ah, por quê?” “Porque ela tá linda de chapéu.” “Cala a boca, se alguém disser que o meu cabelo tá duro eu vou te largar aqui.” (*risos*) E aí nós fizemos essa... essa foto.

TF – Esse que é o seu marido, não?

MG – Esse é o meu marido. E aqui foi no ano do Neguinho mesmo. Não foi no ano do Neguinho? Foi o ano do Neguinho sim. Não, foi o ano do Leão, foi o ano do Leão.

TF – É, do Leão, aqui, olha.

MG – É, foi o ano do Leão. Foi o ano que esse rapaz aqui saiu de índio, no ano do Leão.

TF – Pois é, mas era na... lá na...?

MG – Era, todos eram da... tudo...

TF - ... (Inaudível)?

MG - ... (Inaudível) aqui, todo mundo. Era uma... era uma... sabe, uma comunidade unida, muito unida, sabe, a gente se queria muito! E...

TF – Essas pessoas ainda moram lá? Quando a senhora... a senhora fala, se recorda como era, como passado... Essas pessoas saíram? (Inaudível)?

MG – Muitos já mudaram, muitos morreram, sabe, muitos já... já... Esse rapaz mesmo, de índio, morreu. Essa menina aqui morreu, então, acabou quase tudo. E o ‘Manguinho’ fazia

aquele sucesso todo, a gente se divertia muito. E o César, nessa época... Eu não sei se eu tenho retrato do César.

GG – Não, aí não aparece o César não.

MG – Olha, aqui tinha a comissão, que aí já tinha a comissão de frente, já tinha a comissão de frente, entendeu, já... O Neguinho tá aqui em cima, e aqui tinha a comissão de frente. E nessa época...

TF – Olha o Neguinho, não é aqui o Neguinho?

MG – Aqui é o Neguinho, é. Então, nessa época, nessa época aqui, eu... eu me lembro que a gente tinha muita união. Tudo o que um fazia o outro concordava, e a gente saía em frente, não (Inaudível) fazer? “‘Vamo’ comprar pano?” “‘Vamo’, claro.” E a gente se divertia, sabe? O ‘Manguinho’ era uma... era um... era um só, o ‘Manguinho’ era um só, desde o CHP2, Favelinha, sabe, Amorim, tudo. Unia-se todo mundo, unia...

TF - ... em torno da carnaval, é isso?

MG - ... em torno do carnaval, em torno da quadra, sabe? Terminava o ensaio ou a festa, um pegava na vassoura, varria, outro pegava a mesa, guardava, outros ‘pegava’... Quem era Flozina? Flozina era uma mulherzinha desse “tamanhinho” assim, ainda existe, né, mora lá em Santa Cruz, desse “tamanhinho” assim, que, eu não sei, eu não sei, eu não vi, eu não posso dizer aquilo que eu não vi (*risos*), mas quando ela fazia feijoada, ela era muito pequenininha, então ela entrava dentro da panela prá amassar o feijão com os pés. Não sei, (*risos*) honestamente, eu não posso nem dizer que é verdade, que eu não sei (*risos*). Mas era desse “tamanhinho” assim, era uma anãzinha. Deve tá bem velhinha ela, era bem mais velha do que eu. E... ela e as irmãs dela, sabe... e a gente fazia a nossa farra (Inaudível). Daí veio o César Gomes...

TF – Isso aí ainda é... ainda é o Neguinho?

MG – Aqui ainda é o Neguinho. Aqui é uma ala de bateria com essa menina aqui, essa aqui, Alice, e essa menina aqui, ainda existe, ainda existe, mas (Inaudível). Então, o presidente dessa escola, que foi o César Gomes, aí nos levou: “Ah, ‘vamo’ lá no Adeusam Alves. Adeusam Alves tá esperando a gente, não sei que...” E nós fomos, passamos a madrugada todinha no rádio dando entrevista (Inaudível). Quando tinha gravação de samba, muitas e muitas vezes tinha gravação de samba (Inaudível). Aí tinha gravação de samba, e eu, tranqüilamente, eu... ia eu e meu marido prá gravação. Saía 4 horas da tarde prá... prá gravação, saía do trabalho, ia prá gravação, e chegava às 5 ‘hora’ da manhã do outro dia, que a gente ficava lá gravando na Imagem e do Som, eu, Fernando, o...

TF – O samba... a gravação do samba enredo?

MG – A gravação do samba enredo, ia prá lá gravar, gravava, ficava, saía. No outro dia já chegava tomando banho, ‘panhando’ a bolsa prá ir prá o trabalho de novo, que a nossa vida era essa. E... teve uma passagem que o Timbira foi, ‘foi’ eu, Nonoca, Timbira, ‘fomo’ tudo

prá... prá Imagem e do Som prá gravar um samba. E, quando chegamos lá, o Jorge, que é um rapaz que também acho que abandonou o negócio de samba, e tudo, o Jorge, ele... ele... cismou de cantar o samba enredo. E o Timbira e o irmão da Nonoca, que era o... Como é o nome dele, meu Deus? Eu esqueço, às vezes, os nomes das pessoas. Era... Eu sei que o Timbira queria cantar ou queria gravar o samba enredo e o Bídi, 'Alcebiade' queria gravar também. Então, o Timbira e o 'Alcebiade' 'combinava' a voz, eles dois 'poderia' gravar o samba enredo, e a gente fazia coro, que era eu, Nonoca e Marli, fazia coro. E o Jorginho: "Não, não, deixa que... Eu quero gravar, (Inaudível) gravar." Aí ele começou a gravar. Foi um samba que... foi... Ih, meu Deus, lá prá os... 1970 e não sei o quê (*risos*). E ele, então, ele foi gravar o samba da Suzana, mas o samba da Suzana tinha que ser cantado... é samba enredo, né, não podia ser cantado por ela. Então, nem cheio de *erres* e *esses*, era um samba. Então, o samba era (*cantando*): "*Suzana, quando abandonou a choupana, / o Vice-Rei encarregou...*" Era assim que eu não sei mais o resto não. Ele chegou no microfone e começou (*cantando*): "*Suzana, quando abandonou a choupana...*" Aí vira o Timbira: "É... é... é samba enredo ou... ou é seresta?" (*risos*) "Não é seresta... É seresta e... e... e... Você tá cantando igual Chopin!" (*risos*).

TF – Ópera?

MG – "Você tá cantando ópera? É seresta? É ópera? O que é afinal?" Aí, eu e a Nonoca 'começamos' a rir no meio da gravação. A gravação saiu toda errada, quase bateram na gente. E o Timbira: "Não, não vai fazer nada com as 'menina' não que elas têm que rir mesmo que tá... que tá... tá levando o samba enredo igual... igual samba de... de... de seresta!" Ele ficou muito danado da vida, se... largou todo mundo lá e foi prá o ponto do ônibus. Aí, o Timbira cantou o samba enredo. O Timbira cantava muito bem, até hoje, até hoje o Timbira canta bem. Já tá velho, sem dente, igual a mim, mas canta direitinho. E foi esse... O nosso carnaval foi bom, nosso 'Manguinho' foi muito bom, e... isso... essa... eu acho que essa foi a última ala que eu fiz, não fiz outra ala, que essa ala foi toda feita na minha casa. Agora, procura retrato meu aqui, não encontra, que eu nunca 'tô'... eu 'tô' sempre, 'tava' sempre na ala, eu 'tava' sempre no meio da... da Escola: vejo uma coisa, vejo outra, (Inaudível).

TF – Mas a senhora saía em ala?

MG – Saía em ala, eu me vestia e saía na ala, mas eu tinha que ver se as 'menina' 'tava' 'tudo' 'direitinho', que essa ala era minha, e eu tinha que ver se as 'menina' 'tava' 'tudo' 'direitinho', se 'tava' tudo certinho, 'tava' arrumadinho, se 'tava' tudo organizado, porque a gente... Sabe onde a gente se vestia? Naquele edifício que tem ali na...

TF – "Balança mas não cai"?

MG – "Balança mas não cai". A gente tinha uma sala lá, vazia, que tinha um dos 'cara' do... do PT... Do PT, né? Um dos 'cara' do PT, que era muito chegado a mim, que era... Por exemplo, que aqui tá o Milton... Como é o nome dele? Aqui tá a Vera, a Vera, tá o...

GG - ... Jaime.

MG - ... o Jaime, tá o... aquele... Quem que tá no Metrô agora? É Milton... Como é o nome dele?

GG – No Metrô?

MG – É. Não tinha... não tinha um Milton...

GG – Sei, Marcelo...

MG – Esse aqui.

GG - Quem é esse? Marcelo Dias?

MG – Marcelo Dias.

GG – Marcelo Dias.

MG – O Marcelo Dias... Todos eles ‘saía’ na nossa ala, ficava um desespero. Lá em casa...

GG – (Inaudível) essa foto.

MG – Hã?

GG – Não sabe que tem essa foto?

MG – Mas ele tem essa... eu tenho essa foto. O dia que eu ‘tiver’ disposta eu levo prá ele, mostrar, mostrar a ele. E essa aqui era a sobrinha do Marcelo Dias, sobrinha em termos, né?

GG – Sei, entendo.

MG – Sobrinha... E aí...

TF – Mas o que é que tem o Marcelo Dias?

MG – E o Marcelo Dias saía na nossa ala, ele participava da nossa ala lá.

TF – Quem é Marcelo Dias?

MG – É esse aqui.

TF – Não, sim...

MG – Ele é deputado estadual do PT. (*risos*)

TF – Tá, ah, tá...

MG – E era ele que facilitava...

TF – (Inaudível) se era o mesmo... se era o mesmo Marcelo.

MG – É.

GG – É, e facilitava a entrada na... nessa sala vazia no “Balança, mas não cai” prá o pessoal mudar a roupa.

MG – É, é isso aí. Então, a gente ia, a gente ia, ele... ele facilitava, a gente ia. Aí ele... e eu muito... muito sem graça que eu nunca (Inaudível) dei muita confiança prá político, aí meu marido: “Não, porque o Marcelo Dias...” Eu digo: “E o que é que é?” “Não, o Marcelo Dias! Você tem que dar...” Eu digo: “Vem cá, eu tenho que render homenagem a ele?” “Não, Cida, mas ele... ele é... ele é fulano de tal.” Eu digo: “Tá, tudo muito bem, mas ele (Inaudível) uma fantasia igual a mim, então, ele é igual a mim, e eu não quero saber de assunto.” (risos) Já ia eu... Aí ele vinha de lá, me abraçava: “Poxa, tô todo feliz!” (Inaudível) fazia... ia lá em casa, no barraco, prá experimentar a fantasia, prá fazer a fantasia, ele, Vera, o...

GG - ... Jaime.

MG - ... o Jaime...

GG – (Inaudível).

MG – Esse foi um dos carnavais...

GG – Só um minuto. A Vera e o Jaime, eles são responsáveis por uma ONG que tem na Vila Turismo, (Inaudível) administrar uma creche entre outras coisas. Aquela ONG... na mesma rua do CCAP...

FS – (Inaudível), perto da igreja?

GG – Perto... em frente à igreja. Eu não consigo lembrar o nome, mas eles têm um trabalho comunitário já de muito tempo (Inaudível).

MG – Essa menina aqui, eu não sei não, mas eu acho que ela se candidatou há uns... há uns tempos atrás aí.

GG – Eu não conheço.

MG – Ela se candidatou a vereadora, deputada, não sei... não sei de que. Essa aqui é a... Vivia lá em casa enchendo meu saco: “Ué, minha fantasia tá pronta?” Que isso tudo meu marido que fazia, aquela de palha de esteira, né, e (Inaudível), tem que cortar, (Inaudível) isso tudo...

TF – Me diz o seguinte: aquelas... aquelas... aqueles troféus que a senhora trouxe ali prá gente, não sei se são troféus, mas marcam alguma coisa...

MG – Não são troféus não, são canecas (*risos*).

TF – São canecas, sim, mas elas marcam alguma coisa. “2º Festival do Chope promovido pela...”

MG - “... pela Unidos de Manguinhos”, né?

TF – “... pela Unidos de Manguinhos.” “Campeão... “Nem com óculos eu estou lendo.

MG – Me dá.

TF – “Comissão de Frente”, será?

MG – Comissão de Frente, é...

TF – Tá...

MG – ... pela Unidos de Manguinhos.

TF - ... de 1980.

MG – Em 1980.

TF – Vocês sempre faziam essas canecas comemorativas?

MG – Sempre, sempre, sempre, sempre, sempre. E aqui a gente botava o nome de todos eles...

TF – ... da (Inaudível), da direção?

MG - ... da direção. Ele era de mil... 25 do 10, que ele... foi onde ele foi criado, 25/10/80, entendeu, né?

TF – De 80, (Inaudível).

MG – Então, aqui tinha: esse Gargalhada, morreu, o Zuca morreu, mas já morreu todo mundo, Nilson, Jaci, Walter... Walter Veneno, já morreu também, Haroldo, Beto, tá vivo, Dudu – o Zuca era marido da Gecilda – Dudu, Martim, Désio, também tá vivo, o Ramalho tá vivo, e o Orlando tá vivo, que o Orlando é aquele parente da Norminha, casado com uma das ‘parente’ da Norminha.

GG – (Inaudível).

TF – Essa aí é de uma ala, que eu estou vendo.

MG – Essa aqui foi... foi... é de uma ala, mas essa aí era das ‘criança’. Essa aqui é o Festival de Chope. E...

TF – Ah, essa aqui era das crianças?

MG - ... e esse aqui é o Festival de Guaraná.

TF – Está escrito aqui: “Faça sempre uma criança feliz.”

MG – Festival de Guaraná.

TF – “Salve o Ano Internacional do Deficiente Físico.” Ah, Festival do Guaraná?

MG – É.

TF – Mas era ...

MG – Essa era uma das ‘canequinha’ dos meus filhinhos.

TF – Ah, tá.

GG – Funcionava como ingresso.

MG – Funcionava como ingresso. Quem comprasse uma caneca dessa tinha um ingresso...

TF – Ah, não tinha nada a ver com os... com... com o samba ali.

GG – Tinha!

MG – Tinha, fazia parte do samba!

GG – A ala organizava a festividade prá ganhar dinheiro...

TF – Ah, entendi, entendi, entendi.

GG - ... prá divulgar o seu trabalho e ganhar dinheiro prá fazer fantasia.

MG – É.

GG – E vendia o caneco como ingresso.

MG – Vendia o caneco como ingresso, entendeu?

TF – Ah, tá. Isso tudo em Manguinhos?

MG – Tudo em Manguinhos. Prá ver como é que Manguinhos já foi Manguinhos, né? Hoje, coitadinho...

TF – Mas era na quadra?

GG – Na quadra.

MG – Tudo na quadra, tudo na...

TF – Na quadra... a gente foi lá, (Inaudível)...

GG – A gente não entrou, (Inaudível)...

TF – Tá, mas passou perto.

GG – Passou perto.

TF – (Inaudível)...

MG – Ó, aqui, aqui tá: “Salve... Salve o Ano do Deficiente Físico”, entendeu?

TF – “... Internacional do Deficiente Físico.”

MG – Isso aí foi uma... uma coisa que nós fizemos e eu guardei. Ninguém tem mais esses ‘caneco’, todo mundo já jogou fora, já quebrou, o meu tá aí. Ainda tem mais 2 lá em casa. Eu...

TF – A senhora... Fale, diga.

MG – Eu tenho um do Salgueiro, que foi do IV Centenário, um caneco do Salgueiro. Tá lá velhinho, mas tá lá, o meu Salgueiro (*risos*), do IV Centenário. E tem um outro que foi da... que eu comprei também. Não foi no ‘Manguinho’ não, eu comprei foi na... na Portela. E tenho um outro do ‘Manguinho’ também. Esse aqui foi o ano da máscara. E a gente fazia essas ‘coisa’ assim, a gente... Eu participava muito, eu era muito ativa dentro do ‘Manguinho’, muito, muito, muito, sabe? Adorava ficar aí dentro. Eu não deixava de trabalhar, de cuidar dos meus ‘filho’, de cumprir minhas obrigações na minha casa, mas meu ‘Manguinho’ ‘tava’ em primeiro lugar, eu corria muito prá ele. E eu acho que era eu e o maridão, né, não ia sozinha.

TF – Aí ficava fácil.

MG – Aí ficava fácil, né, porque (*risos*)...

TF – Olha só, a senhora reconhece essas fotos?

MG – Muito, muito, muito.

TF – Onde é esse lugar?

MG – Essa foto aqui... .. Caramba! Esses ‘barraco’ ‘ficava’ atrás do barraco da minha tia Zuleica.

TF – Aonde é?

MG – Aqui. Não lembra não?

TF – Onde é que fica isso?

MG – Ali na Prainha, ali no ‘Manguinho’, no ‘Manguinho’.

TF – Sim, mas é em que lugar?

MG – Não... Oh, meu Deus, espera aí, deixe eu ver se eu... deixe eu ver se (Inaudível).

TF – Esses morros... nesses morros tem uma marca prá gente...

MG – Esse morro...

TF – Tem essa manilha aqui, olha, isso me parece que é atrás dos... das (Inaudível).

MG – Aqui, é esse aqui...

TF – Não é o mesmo esse, não é o mesmo?

MG – É o mesmo, mas sendo do outro lado...

TF – Sim, sim.

MG - ... do outro lado.

TF – Atrás dessas... dessas casas aqui?

MG – É, atrás dessas casas, porque essa manilha aqui, essa manilha aqui vem... vem do lado... não é essa manilha daqui não, essa manilha vem lá de baixo.

TF – De onde?

GG – Aquela que sai do Ex-combatentes...

MG – Justamente.

GG - ... passa por Manguinhos?

MG – É, é a manilha que sai do ‘Ex-combatente’, porque o Ex-combatente’ é o seguinte: as... os ‘apartamento’ dos ‘ex-combatente’ ‘é’ muito ‘antigo’.

TF – Mas é tão antigo quanto esses barracos?

MG – Tão antigo quanto esses ‘barraco’.

TF – Isso aqui deve ser quando, mais ou menos?

MG – E... (Inaudível). Aqui eu... aqui eu tinha o quê? Esses barracos aqui, eu tinha 10 anos...

TF – ...mais ou menos quando?

MG - ... eu tinha 10 anos.

TF – A senhora nasceu quando?

MG – Eu nasci em 41.

TF – Ah, então, é 51, (Inaudível).

MG – Eu tinha 10 anos quando tinha esses... quando fizeram esses ‘barraco’ aqui. Se eu não...

TF – Fizeram para quem morar? Quem que morava aí?

MG – Quem morava aqui é...

TF – (Inaudível)? Pessoas de onde?

MG – Era o pessoal que veio de fora, veio de... de outras... outros lugares.

TF – A senhora não lembra de onde, não?

MG – Não, não lembro ‘da’ onde, mas veio de outros lugares. E esses ‘barraco’ aqui... Sabe onde morou... onde... Não sabe o colega do Júnior? Como é o nome dele?

TF – Aqui? Esse aqui também é isso aí? É, né? É a mesma coisa?

MG – Ó, esses ‘barraco’ aqui já ‘tá’ de frente sabe prá onde? Esse morro aqui de Bonsucesso.

TF – Então, é prá cá, né?

MG – É.

TF – É o contrário, né?

MG – É.

TF – (Inaudível) não, é o contrário?

MG – Não, não, não (?) não. (??) (*sussurrando*)...

TF – Mas são... é a mesma coleção de coleção de morro, de... de barracos, aquilo ali?

MG – A mesma coleção, e a cor é a mesma...

TF – É cor de madeira com...?

MG – Cor de...

TF – E que de... que cor era?

MG – Era... era os ‘barraco’ ‘todo’ ‘azulzinho’...

TF – Ah, é?

MG – Era. Outros ‘verdinho’. Esse aqui era na beira da rua. Não, beira da rua era esse aqui, na beira da rua, porque...

TF – Esses daqui ficavam onde, aqui, em relação a esse... esse (Inaudível) aqui?

MG – Em relação a esse aqui, esses ‘barraco’ aqui, se não me engano, esses ‘barraco’ ‘ficava’ ali atrás... atrás da casa da minha tia, que era aqui na Prainha, ‘aonde’ tinha...
(interrupção *na* *fita*

Fita 2 - Lado B

TF - ... que não é daqui? É outra coisa?

MG – Isso aqui é a taça do ‘Manguinho’.

GG – Taça? Que taça?

MG – É, é aquela que... aquela que se diz campo (risos)...

GG – Ah, sei, o encontro da Democráticos com Suburbana...

MG – Justamente.

GG - ... onde tinha a Escola Olavo Freire?

MG – Justamente.

GG – Deixe eu ver.

MG – Olha aí. A taça do ‘Manguinho’.

GG – É, então, aqui a gente tá olhando prá esses morros da Tijuca?

TF – (Inaudível)?

MG – Justamente, isso aí, os ‘morro’...

TF – ... os morros da Tijuca?

MG – É, isso aí.

GG – Isso aqui parece ser de cima do cano ali, atrás da casa do Nenen.

MG – Isso, atrás da casa do Nenen.

GG – Mas estão faltando as torres aqui que eu não estou vendo. Tem uma foto que aparecem as torres.

MG – As ‘torre’, atrás da casa do Nenen, então... porque os apartamento dos ‘ex-combatente’, quando eu tinha 9 anos eles já existiam, porque aqueles outros ‘apartamento’ fizeram depois.

GG – De dentro do Manguinhos. Aqui, essa aqui.

MG – É, essa aqui.

GG – Compara essa com essa...

MG – É essa aqui.

GG - ... então, essa com... que tá assim, descampada.

MG – Então...

TF – Essa aqui não é na... no Amorim?

MG – Não, o... porque o Amorim era morro e aí não é morro...

TF - ... é plano.

MG - ... é plano, né, aí é plano, Amorim era morro. Aqui é onde tem agora as ‘queimada’, que pegou fogo.

TF – Ah, sei.

MG - Isso aqui é onde pegou fogo, tá assim. Se você olhar, agora tá assim.

TF – Aqui é a estrada-de-ferro?

GG – É, passava...

TF – Isso aqui é a estrada-de-ferro?

MG – É, aí passava a estrada-de-ferro, aqui, né?

TF – Então, me diga o seguinte: essas casas estariam aqui? Seriam essas aqui?

MG – Seriam essas aí, que esse morro aqui...

TF – Onde está a estação, a estação Oswaldo Cruz? Onde tá, para lá ou para cá?

MG – Não, a estação tá mais prá cá.

TF – Mais prá cá?

MG – Mais prá cá. Aqui...

TF – Tá. E esses são os morros da Tijuca?

MG – Aqui, aqui, esses ‘morro’ aqui é da... Não, esses ‘morro’ aqui era o morro daquelas ‘torre’, daquelas ‘torre’ que tem... lá no Abrigo.

GG – Abrigo, Abrigo Cristo Redentor?

MG – Tá entendendo? O Abrigo Cristo Redentor.

TF – Ah, então, é de... olhando para Bonsucesso?

GG – Olhando para Bonsucesso.

MG – Justamente, olhando para Bonsucesso.

GG – É, porque ali na... onde pegou fogo a gente vê Bonsucesso, (Inaudível) olhar.

MG – Bonsucesso. Se você olhar agora, ‘aonde’ pegou fogo tá assim.

TF – Cadê a Leopoldo Bulhões?

MG – A Leopoldo Bulhões fica prá o lado de cá.

TF – Não está aqui, rente a essa estrada-de-ferro?

MG – Não, não, não.

GG – Não, ela estaria...ela estaria rente... Cadê a estrada-de-ferro?

TF – É, gente, a estrada-de-ferro passa rente à Leopoldo Bulhões!

MG – Não, não, não passa não, não passa não, não passa não.

GG – A Leopoldo Bulhões estaria atrás, né?

TF – É...

GG – Se é nesse sentido a Leopoldo Bulhões estaria aqui atrás.

TF – ... se é nesse sentido...

MG – Atrás...

GG – Atrás.

TF – Atrás, (Inaudível)...

MG - ... fica atrás, e a estação...

TF - ... do lado.

MG - ... e a estação fica do lado de cá porque as... aqui, essas ‘torre’ aqui ‘é’ lá...

GG - ... apontando para o Abrigo?

MG – Pra o Abrigo.

GG – Abrigo, seriam esses morros menores, o Morro do Adeus...

MG – Justamente...

GG - ... (Inaudível).

MG - ... o Morro do Adeus, aqui, que é aqui onde tá o Morro do Adeus, quero te mostrar o Morro do Adeus.

TF – Não, aqui não. Não, (Inaudível)...

MG – Aqui o Morro do Adeus.

TF – Ah, esse é o Morro do Adeus?

MG – É.

GG – É ‘parecido’ esses morros? (Inaudível)?

TF – Não, não.

GG – Não?

MG – Não, é o Morro do Adeus.

TF – Não tá não, não é não.

MG – Não, não é não, não é não, isso tá muito...

TF – Isso aqui eu acho que é o Morro da Tijuca, gente.

GG – Isso parece o recorte da Tijuca, como esse aqui também parece aquele recorte da Tijuca.

TF – É, eu acho que a estação fica prá cá...

MG – Hã?

GG – Essa... esse recorte aqui parece aquele que a gente vê de cima da ponte vermelha...

TF – É.

GG - ... da passarela vermelha, o recorte da Tijuca.

MG – O Morro da Tijuca?

GG – É.

MG – Eu acho que não, hein, (Inaudível), eu acho que não.

GG – Quando a gente olha na direção da ponte, que a passarela vermelha, olhando prá frente, a gente vê esse recorte de morro aqui. Aqui, a visão que eu tenho é que isso aqui, olha, aqui passa o Rio Jacaré, que esse cano passa por cima do Rio Jacaré.

MG – Passa.

GG – Essa foto deve ter sido tirada de próximo do Rio Jacaré. As torres... as torres que aparecem onde? Aqui?

MG – Aqui.

GG – Ainda não é essa, tem uma outra foto com torres e barracos sendo construídos. Eu vi lá (Inaudível).

MG – Porque esse Rio Jacaré aqui...

TF – Aqui o morro, o morro (Inaudível). Não tem torre não.

MG – (Inaudível), né?

TF – Não, aqui não é não.

GG – É o mesmo morro que aparece aqui.

TF – É o mesmo morro.

GG – É o mesmo morro que aparece aqui.

MG – É, o... Olha, eu ‘tô’... eu vou teimar, vou continuar teimando que esse morro aqui é o Morro do Adeus.

GG – Morro do Adeus na altura da... da Avenida Itaoca?

MG – Justamente.

GG – Tem uma foto lá da Avenida Itaoca.

MG – É o Morro do Adeus.

GG – (Inaudível) da Avenida Itaoca.

MG – É porque era tão descampado que a gente olhava assim, ó, ‘tava’... Eu que... eu... eu... eu não me lembro, eu não me lembro é quando foi construído o Viaduto de Bonsucesso, que eu me lembro que antes do Robson nascer não tinha o Viaduto de Bonsucesso, tinha o rio, mas o...

TF – (Inaudível) passa a Linha... Linha Amarela (Inaudível)?

GG – Amarela.

MG – É, não tinha, não tinha não. Agora eu queria saber o que tinha ali naquele lugar, que eu não consigo me lembrar de maneira alguma.

TF – Ali era (Inaudível), não era a rua abaixo, ou não?

MG – Não, não tinha. Tinha a ponte, que até eu me lembro que uma família veio lá da Penha passear, e a lotação, que era lotação naquela época, caiu dentro do rio e morreu a família quase toda. O rapaz só conseguiu salvar só uma... uma cunhada dele, e o restante, namorado, tudo, morreu nesse rio. Mas não tinha o viaduto, não tinha. E eu não consigo lembrar o que é que era naquele lugar.

TF – Então, olha só, isso aqui é aí?

MG – É.

TF – Então, todas essas fotos de casas são as mesmas casas?

MG – São as mesmas casas, as mesmas casas, são as mesmas casas.

TF – A senhora acha que foram construídas, mais ou menos, quando? A senhora tinha 10 anos, foi, então, na década de 50, seria isso?

MG – Dez anos, é, por aí assim, por aí assim, porque a mãe do... do Alexandre...

TF – (Inaudível).

MG - ... morou numa dessas casa aqui, ó.

GG – Dona Anita?

MG – É. A mãe do Alexandre...

GG – (Inaudível)...

TF – Então, como é que chama esse lugar, hein? Como é que chama, então, esse lugar?

MG – Aqui é ‘Manguinho’, aqui é ‘Manguinho’.

TF – Mas a gente entende de Manguinhos tudo?

MG – Tudo.

GG – Se é CHP2 e o João Goulart?

MG – O Parque João Goulart.

GG – João Goulart?

MG – João Goulart, João Goulart.

GG – Que a Vila Turismo tem outra... outra configuração, não tinha esses barracos da Vila Turismo não...

MG – Não a Vila... não tinha, não tinha.

GG - ... não, agora, no CHP2 e João Goulart tem ainda.

MG – Agora... agora, esses ‘barraco’ aqui eu me lembro muito bem por causa da construção deles, porque eu me lembro da construção. Aqui na frente, onde tem isso aqui, tinha aqui a casa da minha tia. Atrás da casa da minha tia, que era ali, no... na Prainha... na Prainha não, é... ‘Democrático’, né...

GG – (Inaudível) Prainha, Avenida dos Democráticos, em frente à Souza Cruz.

MG – Em frente à Souza... o muro da Souza Cruz, aqui tinha as ‘casa’ da minha tia. Aqui atrás fizeram esses ‘barraco’, onde morava a mãe daquela menina gordona.

TF – E esses barracos ficaram assim, em pé, até quando?

MG – Ah...

GG – Ainda deve ter um ou outro no João Goulart. No CHP2 não porque já foi muito mexido.

MG – Ah, no João Goulart tem algum.

GG – No João Goulart tem (Inaudível)?

MG – Tem, tem, tem... O resto é...

GG – Se procurar ainda encontra um barraco desse.

MG – Que depois que derrubaram esses ‘barraco’ ‘todinho’, fizeram os apartamentos... Não, os ‘apartamento’ ‘durou’ por muitos ‘ano’, bastante ‘ano’... Depois que derrubaram os ‘apartamento’ e ficou aquele descampado...

TF – Os apartamentos eram... eram de... de madeira também?

MG – Não...

TF – (Inaudível).

MG - ... os ‘apartamento’ já ‘era’ de alvenaria, 4 andares!

GG – (Inaudível).

TF – Ah, foi aquele prédio! Ah, então, é lá atrás, na Suburbana!

GG – Na... na Democráticos.

TF – Na Democráticos (Inaudível).

MG – Na Democráticos.

TF – Ah, então, tá.

MG – Na Democráticos.

TF – Então, isso aqui é naquele lugar onde tem os... os... onde tinha os prédios e não sei que lá... é isso?

MG – É.

GG – Também.

MG – Também.

GG – (Inaudível), ela está me trazendo um dado novo. Eu só conheci esses... esses barracões, de trás do cano prá lá. Quando eu conheci dona Gina ela ainda morava num barraco desse.

MG – No barraco.

GG – É, de trás, próximo do cano, né?

MG – Do cano.

GG – Bem próximo a... Tanto que quando eu vi lá no Arquivo¹ eu reconheci prontamente onde passa essa adutora aí.

MG – É, isso.

GG – Aí, ela tá me dizendo que é... tinha umas casas de alvenaria...

MG - ... tinha uma casas de alvenaria...

GG - ... na frente da Democráticos, que ainda tem lá, (Inaudível).

MG – Ainda tem, quase entrando pro chão adentro, mas ainda tem.

GG – Dasquelas que a gente entrou... umas da... aquele modelo de casa. A gente ainda encontra no modelo original muitas dessas casas. Tinha esse conjunto de casa na frente da rua, tinha os campos que... que ficam por baixo da... da... da torre, né, os campos, e, prá trás, não tinha... não tem mais dessas casas, tem desses barracos. O que ela tá dizendo é que lá na frente também tinha...

MG – Tinha.

GG - ... antes desses apartamentos, desses barracos...

MG – Tinha na beirada da rua.

GG - ... mais próximos da rua.

TF – Então, cadê a Democráticos?

MG – A ‘Democrático’... a ‘Democrático’ tá por aqui. Isso aqui devia ser no tempo de chuva mesmo...

TF – É, tá tudo molhado...

MG - ... (Inaudível) enchente, hein, todo cheio de enchente.

TF - ... (Inaudível).

GG – (Inaudível) ...eu estou entendendo é: Democráticos, casas e barracos...

MG – Isso.

GG - ... campo e mais desses barracos.

MG – Agora eu quero saber se isso...

¹ Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro

TF – Aqui Manguinhos. Manguinhos não é aqui, a refinaria?

MG – A refinaria é, a refinaria...

TF – Cadê a Democráticos?

MG – (Inaudível).

TF – Mas isso aqui... a Avenida Brasil estaria pra cá depois.

MG – (Inaudível)...

TF - Não seria isso aqui a Avenida Brasil?

MG – Não, a Avenida Brasil...

TF – Aqui, aqui a Brasil!

MG – Então, tiraram de ‘costa’.

TF – De cá pra lá.

MG – De cá pra... de cá pra lá...

TF – Isso, aqui a... aqui a...

MG - ... porque a refinaria...

TF - ... a Baía de Guanabara...

MG - ... a refinaria fica na frente, não fica?

TF – Olha o Fundão, olha o Fundão aqui!

MG – É.

GG – É, a refinaria...

TF – Ainda tem a ilha, a Ilha dos Macacos.

GG – Não dá pra ver a Democráticos *com* a refinaria aqui, (Inaudível).

MG – Não dá pra ver a Democráticos porque a refinaria é aqui na frente...

TF – Ah, tá, tá certo, tá certo.

MG –... a Democráticos tá lá atrás (*risos*).

TF – Ah tá ago... tá certo... é que eu pensei que estivesse ao contrário.

MG – Não, não...

TF – Agora que eu estou vendo que isso aqui é a Brasil.

MG – ... que, pelo certo, a... seria isso aqui...

TF – Entendi.

MG - ... porque a refinaria dá de frente pra cá, né?

TF – Tá certo, tá certo.

MG – Isso mesmo. E isso aqui era tudo...

TF - ... tudo a Baía.

MG - ... tudo mangue, tudo...

TF – ... é, é a Baía de Guanabara.

MG – Não, aqui... aqui vem a ser sabe o quê? Aqui vem a ser hoje...

TF – Isso aqui não é o Fundão?

MG – Não, hoje vem a ser Vila do João...

TF – Aqui?

MG - ... Vila Pinheiro...

TF – Ah, é? Então, o Fundão seria pra cá?

MG – O Fundão seria pra cá. Aqui vem a ser Vila Pinheiro...

TF – Aqui, aqui o Fundão.

MG – Aqui.

TF – Isso aqui que é o Fundão sim! Aqui é o Fundão, é aquele prédio da Química, um prédio grande, ou é o hospital. Verdade!

FS – (Inaudível) parece o hospital.

TF – São os dois assim, olha. É, porque o prédio da Química também é assim. Ah, bom, mas esses blocos são pra lá. Isso é o hospital. Aqui é o prédio da Química...

MG – É.

TF - ... (Inaudível), não sei o quê... Isso é o Fundão.

MG – É Fundão, né?

TF – É, é sim. Aqui fica o alojamento (Inaudível)...

MG – (Inaudível)...

TF - ... é essa é a Ilha dos Macacos.

MG – Ilha dos Macacos, né?

TF – Depois é que foi aterrado até aqui, aí fizeram a Vila do João, a Vila do João...

MG - ... do João, Vila Pinheiro, né?

TF - ... aqui, olha, aqui atrás, tá vendo? Tudo isso aqui foi aterrado, olha.

MG – É, tudo foi aterrado.

TF – Engoliram essa ilha. Essa ilha ‘ficava’ os Macacos da Fiocruz. A Fiocruz tá aqui, olha.

MG – É, é porque eu... porque, conforme eu ‘tô’ te dizendo...

TF – Não é isso? É.

MG - ... conforme eu ‘tô’ dizendo, a minha mãe subia e dizia assim: “‘Vamo’ pra praia do Amorim.” Aí a minha mãe subia...

TF – Será que a Praia do Amorim não era aqui não?

MG – Não sei.

TF – Não, Vila Manguinhos não é, é mais pra cá.

MG – Não. Aí a minha mãe subia essa ruazinha que sempre teve, essa subidinha, mamãe subia aquela ruazinha com a gente, e descia pra o outro lado. Do outro lado tinha praia. Agora, eu não sei...

TF – Era aqui, era... a praia era aqui, (Inaudível).

MG – Era, nesse pedaço aí.

TF – Aqui assim, perto da Brasil, aqui assim. Devia ser uma prainha (Inaudível).

MG – Devia ser um laguinho que era chamado de praia...

TF – É a Baía de Guanabara, é a Baía de Guanabara! Era praia mesmo!

GG – A praia vinha até aqui, isso tudo foi aterrado.

TF – Isso foi aterrado!

MG – Olha aqui, Gleide, as casas que ‘morava’ a mãe do Alexandre ‘era’ assim, olha, aqui na... nessa frente de rua, assim, ‘tudo’ ‘verdinha’, entendeu, tudo ‘verdinha’, as ‘casa’ tudo ‘verdinha’.

GG – Parecia um vagão de trem.

MG – Tudo ‘verdinha’.

TF – Pois é, você diz que é vagão de trem, que você chama isso de “vagão de trem”. Eu acho tão engraçado você falar assim!

GG – É, porque me lembra vagão de trem antigo.

MG – Eu não tem....

TF – Que aqui é o seguinte: tinha uma casa pra cá, e outra pra cá...

MG – Era.

TF - ... (Inaudível).

MG – Não, não, ela era assim...

TF – Dividida ao meio?

MG - ... aqui era uma porta e aqui era outra porta, dividia no meio, não tinha mais nada. Eu fico olhando assim, sabe que eu não tenho um pingão de saudade?

TF – É, desse tempo?

MG – Dessas ‘casa’ não.

TF - Dessas casas? Por quê?

MG – Não, porque quando dava enchente jogava todo mundo, ficava o desespero na água.

TF – A água subia aqui nesse (Inaudível)?

MG – Ah, a água subia e saía arrasando com todo mundo...

TF – O que é isso aqui? O que era essa cobertura aqui? Era uma casa não era?

MG – Essa cobertura aqui não era o colégio não, Gleide?

GG – Não sei, deixe eu ver. Que colégio? A Ema não é não.

TF – Não não é a Ema.

MG – Não, não é a Ema...

GG – (Inaudível).

MG - ... é aquele colégio que tinha lá na frente da Suburbana, do lado das casas.

GG – (Inaudível) Olavo Freire?

MG – Olavo Freire.

GG – Quando eu cheguei aqui ele já ‘tava’ desocupado, já... até sucateado pra ser demolido, (Inaudível).

MG – Não, ele... era o Olavo Freire, era lá na frente da Suburbana.

GG – Atrás de onde mora a Silvana, lá nos fundos.

MG – É. E esses pés de árvore era lá na Suburbana.

GG – Era.

MG – Era ‘aonde’ tem os ‘prédio’ agora da...

TF – Essas árvores?

MG – É, essas ‘árvore’ aqui é onde tem agora o... os ‘apartamento’ ‘novo’ dos ‘ex-combatente’. Eu: “Ah, ‘ex-combatente’.” Gente, ‘ex-combatente’ era só aquele pedaço dali pra trás. Aqueles ‘novo’, aqueles que tem na frente, ‘é’ muito ‘antigo’, mas não ‘é’ daquela época, de quando eu tinha 9 ‘ano’ de idade, não é.

TF – Ah, tá. Então, tinha... são dois... dois conjuntos (Inaudível)?

MG – Dois ‘conjunto’. Tinha um prédio dos ‘ex-combatente’, e tem os ‘prédio’ onde mora a Zuleica, né...

GG – É nos ex-combatentes, Zuleica... nos ex-combatentes.

MG – É ex... ‘ex-combatente’, mas, sim, os novos ‘ex-combatente’, que os velhos ‘ex-combatente’ ‘é’ aqueles ‘antigo’ lá de trás.

GG – É, porque tem 3 ou 4 conjuntos dentro daquele espaço.

MG – Tem 3 ou 4 ‘conjunto’ ali dentro.

GG – Num espaço só a gente tem... tem os ‘prédio’ dos ‘ex-combatente’, tem da Casa da Moeda, tem de outros programas de habitação da... da...

MG – Justamente, isso, tem. Então, os ‘antigo’ mesmo... Porque eu me lembro que o ‘ex-combatente’, a minha mãe dizia assim: “Vá brincar no parque.” Aí mamãe mandava a gente brincar no parque, era no ‘ex-combatente’, lá atrás.

GG – Perto da praça?

MG – Perto da... quase perto da linha do tem, né...

GG – Ah, sim.

MG - ... o ‘ex-combatente’. É lá é que era que o ‘ex-combatente’, aqui atrás é que era ‘o’ ‘ex-combatente’. Lá na frente ‘era’ os... os novos ‘ex-combatente’, e Casa da Moeda, esses ‘troço’ assim, mas lá atrás é que tinha o ‘ex-combatente’. Entendeu?

TF – (Inaudível). O que é mais que a senhora tem pra contar pra gente? Isso aqui a senhora não reconhece?

MG – Caramba, isso aqui...

TF – Diz aí... que é...

MG - ... aqui...

TF - ... é a antiga Rio - Petrópolis, antiga Rio - Petrópolis.

MG – É a antiga Rio - Petrópolis, né? Será que é mesmo a antiga Rio - Petrópolis? É.

TF – Não é?

MG – É sim.

TF – E era mais ou menos onde esse lugar, a senhora tem idéia...

MG – Bom, olha, eu...

TF - ... *porque* os morros acho que são os mesmos (Inaudível)?

MG - ... *atravessei* muito, muito, pra levar ela pra internar lá em Petrópolis, *atravessei* muito de trem, que, naquela época, não tinha ônibus.

TF – (Inaudível).

MG – Então, ela foi internada em Pedro do Rio. Então, tinha que saltar em... em Petrópolis, pegar o trem na Leopoldina, saltar em Petrópolis, e pegar o ônibus pra ir pra Pedro do Rio. Eu me lembro que eu *atravessei* muito a estradinha assim, agora não me... não me lembro.

TF – Aqui também tinha a estrada-de-ferro, e, pelo que me parece, uma... aqui uma estrada de carro.

MG – É, parece, *atravessei* muito. Mas aqui, também, tá parecendo sabe o que, também? Parece aquela curva que faz quem vai pra Pavuna (*risos*). (Inaudível), em Pavuna tem uma curva assim, que vai pra Pavuna, né? *Atravessei* muito, muito... Olha, tem muita coisa...

TF – (Inaudível), tem mais história para a senhora contar pra gente?

MG – Tem muita coisa, mas, no momento...

TF – Então, vamos fazer assim, olha, tá...

MG – ... mas eu vou lembrar. Às vezes, em casa, assim, à toa, eu fico quieta assim, aí...

TF – Aí, sabe o que a senhora faz? A senhora junta as memórias todas da senhora, (Inaudível)...

MG – Vou juntar as ‘memória’, vou mandar escrever (*risos*).

TF – Não, não vai escrever nada, a gente marca outro dia pra senhora ‘tiver’ assim: “Ah, eu me lembrei de um monte de coisas!” Aí, fala com a Gleide, a gente marca outro dia pra senhora (Inaudível)...

MG – Não, porque tem coisa...

TF – Fale.

MG - ... olha, tem coisa que eu não lembro, mas meu marido lembra, que ele veio pra cá com 15 ‘ano’, ele é da minha idade, tá com... com 63. Tem coisas que eu não lembro, aí ele fala: “Nêga, e isso assim, assim?” Aí vou lembrar, que tem coisas que eu... passa...

TF – A gente podia ver, entrevistá-lo também qualquer dia, né?

MG – É, porque tem coisa que eu não lembro, é, tem coisa que eu não lembro mesmo, passa...

TF – Não, e cada um tem as suas recordações.

MG – É, suas recordações, ‘muito’ enchente que teve quando ele veio morar pra aqui. Parece que tinha 2 ou 3 meses, aí teve uma chuva, uma enchente, o barraco dele foi com tudo pra dentro do rio. O pai dele ficou desesperado...

TF – (Inaudível) veio antes da senhora?

MG – Ele veio... ele veio antes... ele veio junto comigo, só que a gente não se conhecia. Ele veio com 13 anos, eu vim pra aqui com 15, com...

TF – Como é que foram essas enchentes? Então, ele já passou por uma enchente. A senhora passou por alguma enchente assim, que destruiu (Inaudível)?

MG – Não, não deu pra destruir não, mas ‘passamo’ por uma enchente, lá na... na... na Coréia, ‘passamo’ por uma enchente, inclusive a Gleide já era mocinha, tinha 15 ‘ano’, e a Gleide saiu levando um irmão no colo, eu levando o outro e puxando o outro pela mão, e fomo’ pra os ‘apartamento’, que aí já tinha apartamento, ‘fomo’ pra os ‘apartamento’, ficar lá pra... baixar a água pra gente poder ir pra casa. Nós ‘chegamo’ em casa tinha panela de feijão virada dentro da água, porque o meu marido fez assim: “Não dá pra salvar nada? ‘Vamo’ fazer o seguinte...” Trancou a porta, deixou tudo boiando lá e ‘saímo’ (*risos*). Aí, ‘chegamo’, ‘tava’ o fogão boiando, roupa, panela de pressão... dentro da água. Passei por uma enchente, acho que foi a 1ª enchente que eu passei. Não, foi a 2ª.

TF – E os incêndios? Teve um incêndio lá perto. A senhora presenciou esse incêndio?

MG – Só um, aliás, dois, porque o outro foi agora, há ‘poucos’ tempo, né? Foi um incêndio que eu presenciei, que eu morava perto, presenciei um incêndio. Teve um incêndio feio perto da minha casa.

TF – Foi aquele das crianças que estavam brincando, ou não?

MG – É, que as crianças estavam brincando. As crianças estavam brincando, e foi até... a gente até fez piada, a gente até riu porque... depois do caso passado nós rimos, né, porque a mãe é cristã, e o menino botou fogo... Ela... ela foi no portão atender um... um irmão que ‘tava’ chamando, e o menino pegou, botou... pegou um papel e acendeu no fogo, botou na cortina, e começou a pegar fogo. Em vez de ela dizer: “Gente, me acode! Tá pegando fogo, tá incendiando”, coisa e tal, não, ela começou a gritar: “Aleluia, Senhor! Glória a Deus! Aleluia! Ah, Senhor, tem misericórdia, Senhor!” E o pessoal não saía do lugar porque pensou que ela ‘tava’ orando. Quando foi ver (*risos*), era o incêndio. Aí, quando ela conseguiu inc... a dizer “incêndio”...

TF - ... já tinha queimado (Inaudível).

MG - ... ah, já tinha queimado tudo (risos). A... aquela menina, coitada, eu... ela disse que ficou tão desesperada que ela danou a glorificar e gritar “aleluia” e “glória a Deus”... Quando ela conseguiu dizer “incêndio”, ah, já tinha queimado um montão de troço. Só deu tempo dela tirar as ‘criança’ e todo mundo perdeu tudo...

TF – Mas queimou... aí pegou outros barracos?

MG – Pegou outros ‘barraco’, só não pegou o meu que era muito ruim demais, o meu não queimava assim não. O meu ficou todo torto, mas não queimou (*risos*), quase caiu, mas não queimou. Aí foi... foi... foi cômico, o negócio foi cômico, mas depois, né, depois é que a gente riu porque na hora não deu pra rir, o negócio ficou feio. Queimou tudo, não ficou nada, só cinza, né, só restou cinza. Pessoas que ficaram com a roupa só do corpo... E eu ajudei muito, com meu barraco caindo, assim mesmo, todo ruinzinho, mas eu ajudei muito, arrumei muita roupa... E, meu marido, com o negócio de juntar roupa... coisa velha, ferramenta, e maçaneta, essas ‘coisa’, então, quando ganharam as ‘casa’ da Mandela, a maioria das ‘casa’ não tinha maçaneta, e ele: “Vai lá em casa que lá tem.” Tinha (*risos*) um montão de maçaneta lá, e ele deu muito. Quer dizer, são coisas que, às vezes, lembro. Mas tem coisas que eu não me lembro assim, na hora. Mas tem muita coisa pra lembrar ainda.

TF – Me diga o seguinte, quando a senhora mudou, como a senhora viu, assim, uma mudança, ou não viu, não houve, com relação ao aspecto de higiene e de urbanização, de água, luz, gás, essas coisas, aliás, gás é de bujão, né, mas água e luz...

MG – Engraçado...

TF – ... esgoto, essa parte toda...?

MG – É, no... no ‘Manguinho’ nunca faltou água, e luz também nunca faltou não. Isso aí (Inaudível).

TF – (Inaudível) ...a senhora veio pra aí, já tinha luz, é isso?

MG – Tinha, sempre tinha, luz e água...

TF – E água encanada em casa?

MG – É, porque o ‘Manguinho’ é o rei da água, né, a água não falta no ‘Manguinho’, né? ‘Manguinho’ tem água e luz. Agora, esgoto...

TF – Mas encanada dentro de casa?

MG – Tinha nos ‘bicão’, tinha encanada dentro de casa... Quem podia puxar pra dentro de casa, puxava, quem não podia tinha no bicão. Tinha um correr de... de tanques, que quem não tinha tanque em casa lavava roupa ali, sabe? Agora, esgoto também não foi muito difícil não. Teve urbanização dos ‘esgoto’, essas ‘coisa’ assim, teve muito...

TF – E mesmo com a urbanização eles saíam pelo rio, todos eles? A senhora sabe disso?

MG – Sempre no rio, sempre no rio, nunca saía do rio, sempre no rio. Encanamento era direto pra o rio.

TF – E vocês criticavam isso, alguma coisa, não?

MG – É, o negócio da gente era morar, a gente ‘tava’ morando, ‘tava’ bom, ‘tava’ (Inaudível), a gente não ligava pra essas ‘coisa’ não. São coisas que a gente precisava ligar, mas, pra ligar, tinha que ter uma pessoa grande junto com a gente pra ligar, né? E, coitado, o grande que tinha era quem? Era o administrador, que era o “seu” Arthur, corria muito, né? Às vezes, a nossa luz ficava ‘meia’ fraquinha, ele corria, muita madrugada ele corria, levantava e ia ver por que é que a luz estava fraca, por que é que caía, que usava muito transformador na época, né? Na época se usava muito transformador, né? Então, quem tinha transformador mais possante puxava mais... coisa e tal, mas tinha luz, tinha, tinha luz sim. E a... e a... o esgoto também... tinha, mas era meio precário, mas dava-se jeito. E a gente não tinha o que, não tinha como reclamar, né, não tinha um meio de reclamar assim muito, muito, porque... com quem?

TF – Olha só, outra coisa, mudando completamente, a senhora tem uma idéia de... tem uma informação qualquer de que esse Comando... Comando Vermelho teria sido criado dentro de Manguinhos, na Casa Amarela?

MG – Não.

TF – A senhora nunca ouviu falar nisso, nem se ninguém comenta isso? Pode ser que seja mentira, a senhora acha?

MG – Com certeza, o Comando Vermelho não foi criado dentro do ‘Manguinho’, não foi criado. Foi criado muito, muito distante daqui (*risos*), não foi com gente daqui... Entrou gente daqui e permanece, mas não foi criado, o Comando Vermelho não foi criado em ‘Manguinho’. O Comando Vermelho tem tantos ‘ano’! Eu sou capaz de dizer que o Comando Vermelho foi criado no Jacarezinho.

TF – É? Por que a senhora diz isso?

MG – Porque eu conheço gente, não sei se já morreu, mas eu conheço gente de 90 ‘ano’ que participou da criação do Comando Vermelho.

TF – É? Aí teria sido criado quando, a senhora tem idéia?

MG – Não, não tenho idéia. Noventa anos, um velhinho de noventa anos que participou da criação do Comando Vermelho.

TF – Ele tá vivo ainda?

MG - Não sei, não fui mais lá, não...

TF – E era do Jacarezinho?

MG – Era no Jacarezinho, foi no Jacarezinho. Agora, não me lembro, nem data, e nem me lembro quando, mas no ‘Manguinho’, com certeza não... não foi criado o Comando Vermelho.

TF – Por que a senhora acha isso? E aquela Casa Amarela, a senhora conhece?

MG – ‘Manguinho’... ‘Manguinho’ era muito... muito... ‘Manguinho’ é... ‘Manguinho’ é o seguinte, ‘Manguinho’ não existia naquela época, não tinha marginal não, não tinha não. Era uma coisa assim... sabe, muito restrita, muito coisa, ninguém via, ninguém sabia, ninguém sabia quem era, quem não era, assim, misturava todo mundo e ninguém sabia quem era, sabe? Então, não é igual agora que... sabe, que eles acende, joga fumaça na cara da gente, fica por isso mesmo, não era. Naquela época não tinha isso. Então, não... não se falava em Comando Vermelho, não falava. O Comando Vermelho vem de muitos anos (*estalando os dedos*)! Veio do tempo de Madame Satã... e, lá pelos (*risos*)... de repente, foi até antes de eu nascer (*risos*), de repente foi antes de eu nascer. Eu não me lembro não, não lembro mesmo.

TF – Então, tá. Quer falar mais alguma coisa?

MG – Não, não, puxou pra marginal, eu já: *pá* (*risos*).

TF – Uma curiosidade que eu...

MG – É, uma curiosidade.

TF - ... a Consuelo comentou isso, e a gente ficou meio curioso para saber.

MG – E eu não sei... eu não sei onde é essa Casa Amarela.

TF – A senhora não precisa falar deles.

MG – Não sei ‘donde’ é essa Casa Amarela, não conheço. Ah?

GG – Ela não conhece essa parte.

MG – Não conheço essa parte. Sabe por que é que eu não conheço? Sabe quando é que eu fui conhecer tóxico? Eu tinha 47 ‘ano’, foi que eu fui conhecer tóxico. Vi porque eu pedi a essa menina que tá aqui, essa menina que hoje é cristã, que não brinca mais carnaval, a Gelsa, eu cheguei perto dela e falei pra ela: “Gelsa, me mostra o que é pó e o que é maconha.” Ela falou: “Por que, Cida? Pera aí, vai entrar nessa agora também?” Eu falei: “Não, Gelsa, não é nada disso. É porque eu quero conhecer, porque um dia uma pessoa chega com um embrulho e me dá e eu não sei o que é que é. Se eu souber o que é que é eu já não vou pegar!” Eu tinha 47 ‘ano’.

GG – E mesmo assim ainda entrou na fila errada, né?

MG – Ainda entrei na fila errada. Eu sou... eu sou bárbara, igual a mim não existe. Aí, eu... Ela foi, ‘panhou’ um pouquinho, veio, disse assim: “Ó, isso aqui é pó, e isso aqui é maconha.” Aí eu olhei... mesmo assim ainda confundo até hoje, que, às vezes, está um cheiro de maconha, eu acho que é cheiro de... cheiro de... de (*risos*)... Como é? ... de... de um negócio que... que a gente bota pra torrar, fica torrando com um cheiro esquisito. E o pó eu penso que é bicarbonato, mesmo assim ainda confundo. E ainda entrei na fila errada no Jacarezinho.

TF – Que história é essa? Quer contar ou não quer? Se não quiser contar não precisa...

MG – Entrei na fila errada porque eu vinha do Jacarezinho, com uma bolsa, como sempre eu carrego uma bolsinha de plástico, né, que às ‘vez’ tem um... ‘tô’ com um trocadinho na mão, aí tem alguma coisinha mais baratinha, aí já vai passando, não é, mania de dona de casa. Eu vi uma fila lá na Praça da Concórdia, aí eu escutei falar: “É, tem de 10, tem de 20!” (*risos*) Não ri não que o negócio é sério, quase que eu entro em cana (*risos*). “Tem de 20, tem de 10!” Aí eu falei: “Ah, legal! Eu ‘tô’ com um dinheiro aqui, já vou levar pra casa pra ‘janta’, que aí já me adianta a ‘janta’.” Eu já ‘tava’ na rua já... (estalando os dedos). Quando eu saía na rua eu não tinha vontade de voltar não... “Ah, e eu já estou atrasada...” E fui em frente. Quando foi na fila e ‘tô’ lá em pé. A fila tá andando e eu ‘tô’ andando (*risos*) com a fila. E o cara tá gritando: “Tem de 20, tem de 10”, mas não dizia o que era, e eu ‘tô’ em pé. “Ué, lá deve ter sardinha, qualquer coisa.” Daqui a pouco chegou um rapaz, botou a mão nas minhas ‘costa’, falou: “Tia, tá fazendo o que aí, tia?” Era colega dos meus ‘menino’. “Tá fazendo o que aí, tia?” Falei: “Ah, meu filho, eu vou fazer o seguinte, vou aproveitar essa liquidação aí que tem de 10, tem de 20, eu vou comprar, que aí eu já vou pra casa, já levo pra fazer pra ‘janta’.” “Não, tia, vem cá”, falando baixinho comigo, “vem cá, tia.” Aí foi me puxando, me puxando, me tirando da fila: “Tia, isso aí é maconha, tia, isso é pó.” Eu falei: “O quê?” (*risos*) “É o quê?” “Não, tia, não posso nem falar alto com a senhora que o pessoal pode ver. É maconha, isso é pó, tia. A senhora quer comprar o quê?” “Comprar nada, queria comprar qualquer coisa pra ‘janta’ e ia aproveitar a liquidação.” “Que liquidação, tia? Isso é pó. Se a polícia passa aí, tia, a senhora ia de roldão. (*risos*) A senhora ia rodar direto e sem explicação, né, porque a senhora não ia saber o que é que é! (*risos*) ‘Vamo’ embora, tia, ‘vamo’ embora. Eu passo com a senhora no açougue e compro um negócio. Tem dinheiro aí? Não tem não? Eu compro, eu compro do meu dinheiro.” Aí passou comigo, comprou um quilo de bife, aí: “‘Vamo’ embora, ‘vamo’ embora, ‘vamo’ embora.” Aí ele ainda atravessou comigo a rua, e... de... com a mão nas minhas ‘costa’, atravessou - um colega que estudava junto com as... com os meus ‘garoto’ - ele atravessou comigo a rua, me botou lá do outro lado, aí falou: “Sabe, esses ‘troço’ assim a senhora não pára não, não pára não que...” Eu falei: “Caramba, eu ia entrar numa fria! (*risos*) Eu ia pra cadeia sem saber o que é que é!” (*risos*)

TF – (falam ao mesmo tempo) porque (*falam ao mesmo tempo*).

MG - Aí eu ia me lembrar daquela música, a música do Bezerra da Silva: “Não sou agricultor, mas conheço a semente.” (*risos*) E o pior é que eu não sou nem agricultor, e nem conhecia a semente (*risos*). Não, e foi muito engraçado aquele dia. Eu... eu cheguei em casa, contei pra os garoto, eles riram: “Mãe, que furo, mãe! A senhora já pensou? A gente

sair daqui pra ir lá na cadeia buscar a senhora, (*risos*) buscar a Gleide, mãe!” E falei: “E lá na... lá na... na escola buscar a Gleide, uma normalista fazendo (*risos*)... fazendo lá o... o curso dela de professora, e buscar a professora pra buscar a senhora na cadeia, mãe! O que é isso?” “Mas eu não sabia!” (*risos*) Nunca mais, pode gritar à vontade... (*risos*) Ah, foi muito engraçado, muita coisa. A gente tem coisas ‘engraçada’, tem coisas ‘triste’...

TF – É claro.

MG - ..., mas com o tempo eu vou lembrar e vou trazer mais pra vocês.

TF – (Inaudível) vamos parar (Inaudível)?

MG – Agora, no momento, eu não lembro de mais nada, bloqueou (*risos*).

TF – Tá bom, (Inaudível)... (*interrupção na fita*)